

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO SOCIAL 2007**

MÔNICA ARAUJO BARBOSA

EMPODERAMENTO NA REDE

Porto Alegre

2008

MÔNICA ARAUJO BARBOSA

EMPODERAMENTO NA REDE

Trabalho de conclusão do curso de Especialização apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Social.

Orientador: Prof^a Neusa Rolita Cavedon

Porto Alegre

2008

RESUMO

O presente trabalho analisa o uso das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no processo de empoderamento dos integrantes da Cooperativa de Comunicação Comunitária da Vila Bom Jesus, um dos eixos do programa Cidade Escola, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (RS) em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima. O objetivo foi investigar, por meio da residência solidária, tecnologia social que consiste na imersão do pesquisador nos contextos político, social, histórico e cultural de um projeto social, como o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos sobre ferramentas da Internet, que possibilitam o exercício da autoria e da interatividade, pode contribuir aos processos de empoderamento de jovens de baixa renda. A escolha de *blogs*, como objetos de intervenção, resultou na produção de um webjornal pelos alunos e numa significativa elevação da autoconfiança e da auto-estima, além de ampliar a capacidade de comunicação do grupo. A residência solidária é um pré-requisito do Programa de Pós – Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) à obtenção do título de especialista em Gestão Social.

Palavras-chaves: Empoderamento - Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) - Residência solidária.

ABSTRACT

The present work analyzes the use of new Information and Communication Technology (ICT) in the empowerment process for members of the *Cooperativa de Comunicação Comunitária da Vila Bom Jesus* (Bom Jesus Community Media Cooperative) at a municipal public school in the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. The cooperative is part of a program called *Cidade Escola* (School City), developed by the school district in partnership with the United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO). Over the course of a public service residency, a method which involves the researcher's immersion in the political, social, historical and cultural contexts of a social project, the researcher investigated how the development of Internet skills and knowledge made it possible for students to exercise their own authorship and interactivity, contributing to these low income youths' empowerment process. Choosing blogs as the intervention method resulted in the production of a web-based newspaper and in a significant improvement in the students' overall self-confidence and self-esteem, as well as increasing the group's communicative abilities. This public service residency was a pre-requisite for obtaining the title of specialist in Social Program Management through the Graduate School of Business Administration at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS).

Keywords: Empowerment - New Information and Communication Technology (ICT) - Public Service Residency

INTRODUÇÃO

A Residência Solidária, tecnologia social que consiste na imersão do pesquisador nos contextos político, social, histórico e cultural de um projeto social, além de ser um pré-requisito a obtenção do título de especialista em Gestão Social, oferece ao aluno de pós-graduação a oportunidade de iluminar seus referenciais teóricos por uma prática contundente e enriquecedora.

O relatório que se segue trata da implantação do projeto Empoderamento na Rede (ER), residência solidária de Mônica Araujo Barbosa, realizada junto ao programa Cidade Escola (CE) desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (RS) em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima.

Com o advento das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) inaugura-se um novo tipo de sociabilidade e a alfabetização digital impõe-se como uma ordem. Além das habilidades básicas que o mercado de trabalho exige, sem as quais os jovens moradores das áreas urbanas estão excluídos dele ou incluídos em subempregos, há um novo tipo de interação social mediado pelas TIC que permeia toda a sociedade contemporânea.

Para o jovem de baixa renda, que já se encontra alijado de uma série de condições para seu pleno desenvolvimento, a falta de acesso digital é mais um fator exclusão. Por outro lado, acredita-se que, oportunizada a aprendizagem neste sentido, abre-se um canal de comunicação com o mundo que pode resultar no ganho de autoconfiança e de elevação da auto-estima, características relacionadas ao empoderamento.

A pergunta que se presente responder, por meio da realização da residência solidária, é como as TIC podem contribuir para o processo de empoderamento dos jovens da Cooperativa de Comunicação Comunitária da Vila Bom Jesus.

No relato que se segue a autora apresenta, num primeiro momento, o contexto da ação: a Vila Bom Jesus e o programa CE. Em seguida, o leitor será convidado a conhecer os fatores que motivaram a intervenção e seus objetivos. Após uma revisão bibliográfica, na qual se explanam os principais conceitos teóricos utilizados na pesquisa, o empoderamento e as TIC, serão apresentados o método e o detalhamento do projeto e, por fim, a residência, narrada em ordem cronológica,

numa espécie de diário de campo, no qual são abordados os fatos que melhor demonstram a articulação entre teoria e prática. O capítulo final é dedicado a avaliação da residência, pela pesquisadora e pelo público do projeto Empoderamento na Rede.

Cabe ressaltar que a importância deste relatório é, especialmente, a possibilidade de partilhar a experiência da gestora social, trabalho feito de amor, de luta e de fé.

1 Contexto

1.1 A Vila Bom Jesus

Localizada na região leste de Porto Alegre (RS), a Vila Bom Jesus, onde se encontra a escola Nossa Senhora de Fátima, possui cerca de 30.423 habitantes e, segundo dados da prefeitura municipal, é o bairro com maior índice de vulnerabilidade social da região¹.

O território, que teve sua ocupação iniciada em fins da década de 20 do século passado, ao atrair a população de baixa renda pelo preço reduzido de seus loteamentos, é dividido entre as vilas Nossa Senhora de Fátima, Pinto e Divinéia. Praticamente, não existem na região equipamentos culturais e espaços de lazer comunitário, como parques e praças. Os poucos que existem, segundo depoimento dos moradores, não oferecem segurança ou simplesmente não atraem pelo estado de depredação em que se encontram.

Pesquisa realizada pelo historiador Marcos Mello², em 2006, apurou que 42% da população do bairro possuía, no máximo, 19 anos. Ainda, segundo Mello, 35,2% das crianças em situação de rua em Porto Alegre tinham origem no bairro, enquanto 67% das famílias possuíam renda menor que dois salários mínimos (MELLO, 2006).

Em 2007, a Vila Bom Jesus ocupou o 5º lugar no ranking dos bairros mais violentos de Porto Alegre, com o registro de 17 homicídios (Zero Hora, 2/01/2008).

Diante desta situação a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Nossa Senhora de Fátima, junto ao seu Conselho Escolar, identificou a necessidade de realização de um projeto que viesse a atender aos jovens, maiores vítimas da violência no local. Assim começa a história do Cidade Escola da EMEF Nossa Senhora de Fátima, realizado pela Secretaria Municipal de Educação em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

¹ Dados extraídos do *síte* Observatório de Porto Alegre (www.observapoa.com.br).

² MELLO, Marcos. (Org.). Pesquisa-Ação Participante: Indicadores Sociais, Serviços Públicos e Movimentos Sociais. Vila Fátima – Bom Jesus. Porto Alegre: Educação de Jovens e Adultos; Projeto Abrindo Espaços na Cidade que Aprende. Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, 2006.

1.2 O Cidade Escola³

O programa Cidade Escola (CE), é desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED), desde 2007, em parceria com a UNESCO e preconiza a abertura da escola a comunidade em tempo integral. O programa concentra-se nas seguintes áreas temáticas:

- (1) complementação e ampliação de estudos;
- (2) núcleos de arte;
- (3) clubes escolares;
- (4) pólos de educação para o trabalho;
- (5) espaços de protagonismo e de direitos humanos e sociais de crianças e adolescentes na cidade e com a cidade.

Sob esta linha mestra as próprias escolas elaboram seus projetos e os submetem a aprovação da SMED. Aprovados, recebem recursos da instituição e são por ela supervisionados.

1.3 O Cidade Escola da EMEF Nossa Senhora de Fátima⁴

O CE da EMEF Nossa Senhora de Fátima tem como objetivo geral “possibilitar aos jovens da escola e da comunidade o acesso a diferentes modos de aprendizagem e atuação na sociedade, utilizando-se para isso da criação, da diversificação, da qualificação e da potencialização de tempos e espaços nas educações infantil, fundamental e na direcionada a jovens e adultos (EJA)” (Caderno Cidade Escola, p. 08, 2007).

Os objetivos específicos são:

- Fortalecer a convivência entre as crianças e adolescentes, aproximando famílias e escola de suas comunidades.

³ Dados extraídos do site da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre: www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/

⁴ Dados extraídos do caderno Cidade Escola – EMEF Nossa Senhora de Fátima. Porto Alegre, julho 2007.

- Construir o conceito de escola como um espaço democrático e de participação, que oferece qualidade de ensino.

-Trazer a comunidade para o cotidiano escolar, oportunizando o desenvolvimento do protagonismo desses indivíduos como autores legítimos do processo, atendendo a necessidade de formação de um cidadão mais consciente e participativo.

- Estreitar laços de convivência 'além muros' escolares, para que surjam novos pactos sociais com a comunidade do entorno da escola, potencializando ações de parcerias com associações comunitárias, ONGs, sindicatos e empresas privadas do entorno, ou não, formando uma rede de contatos e parceiros que venham a legitimar o processo.

O projeto está estruturado em 2 pilares:

- os núcleos de Aprendizagem, que englobam os núcleos de Artes, Música e Esportes;

- a Cooperativa de Comunicação Comunitária, que engloba os núcleos de Rádio, Jornal e Informática.

De acordo com os interesses desta pesquisa serão aprofundadas as informações referentes à Cooperativa de Comunicação Comunitária. Esta tem por objetivo a contribuição para a formação crítica de seus participantes quanto ao papel dos meios de comunicação social no Brasil, além de apontar para “a necessidade de elaboração e implementação de projetos criativos, participativos e atrativos de Comunicação Comunitária”.

Segundo a coordenação do projeto, um dos propósitos da cooperativa é contribuir para a entrada de seus integrantes no mercado de trabalho, tanto pela formação em informática quanto em comunicação. Seu público é formado por jovens moradores da Vila Bom Jesus, com idade entre 14 e 21 anos, a maioria ex-alunos da EMEF Nossa Senhora de Fátima.

As atividades ocorrem duas vezes por semana, no horário das 17h50 às 20h30 e estão concentradas em oficinas de Rádio, Jornal e Informática.

1.4 Contexto em Imagens

As fotos da Vila Bom Jesus falam alto sobre seu contexto. A depredação dos espaços de lazer citada pelos moradores, a precariedade das habitações, o esgoto que corre a céu aberto, o lixo que se acumula em todo o canto, a insegurança de seus becos, a falta de calçadas, as grades que se propagam pela EMEF Nossa Senhora de Fátima, puderam ser constatados num breve passeio pelo local. O registro desta incursão segue abaixo.

1.4.1 As ruas



Figura 1: Rua próxima a EMEF Nossa Senhora de Fátima
Fonte: autora



Figura 2: "Rua do Valão"
Fonte: autora



Figura 3: Esquina da Rua Pio X (sofá recostado ao muro da escola)
Fonte: autora

1.4.2 Os becos

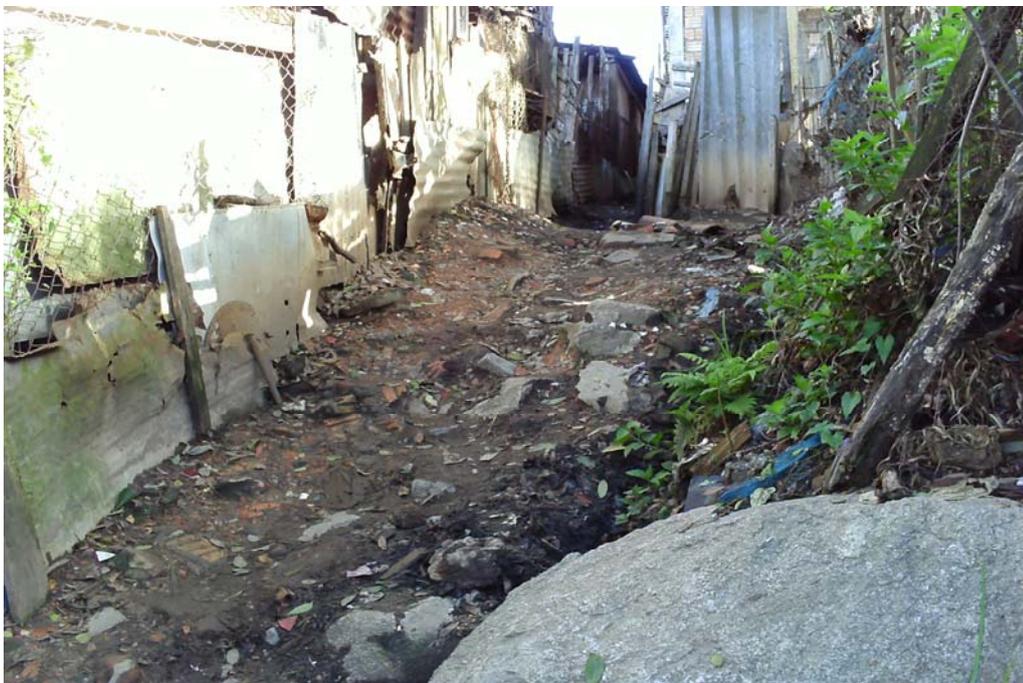


Figura 4: “Beco do Valão”

Fonte: autora



Figura 5: Beco próximo a Rua A

Fonte: autora



Figura 6: Beco no Campo Panamá
Fonte: autora



Figura 7: Beco no Campo Panamá
Fonte: autora

1.4.3 As casas



Figura 8: Casa na “Rua do Valão”
Fonte: autora



Figura 9: Casa num beco próximo a Rua A
Fonte: autora



Figura 10: Casa na Rua A
Fonte: autora



Figura 11: Casa na Rua A
Fonte: autora

1.4.4 As praças



Figura 12: Praça em frente ao Centro de Educação Ambiental (CEA)
Fonte: autora



Figura 13: Praça em frente ao CEA
Fonte: autora



Figura 14: Praça em frente ao CEA
Fonte: autora



Figura 15: Campo Panamá
Fonte: autora

1.4.5 A EMEF Nossa Senhora de Fátima



Figura 16: Fachada da EMEF Nossa Senhora de Fátima
Fonte: autora



Figura 17: Entrada da EMEF Nossa Senhora de Fátima
Fonte: autora



Figura 18: Vista externa das salas de aula
Fonte: autora

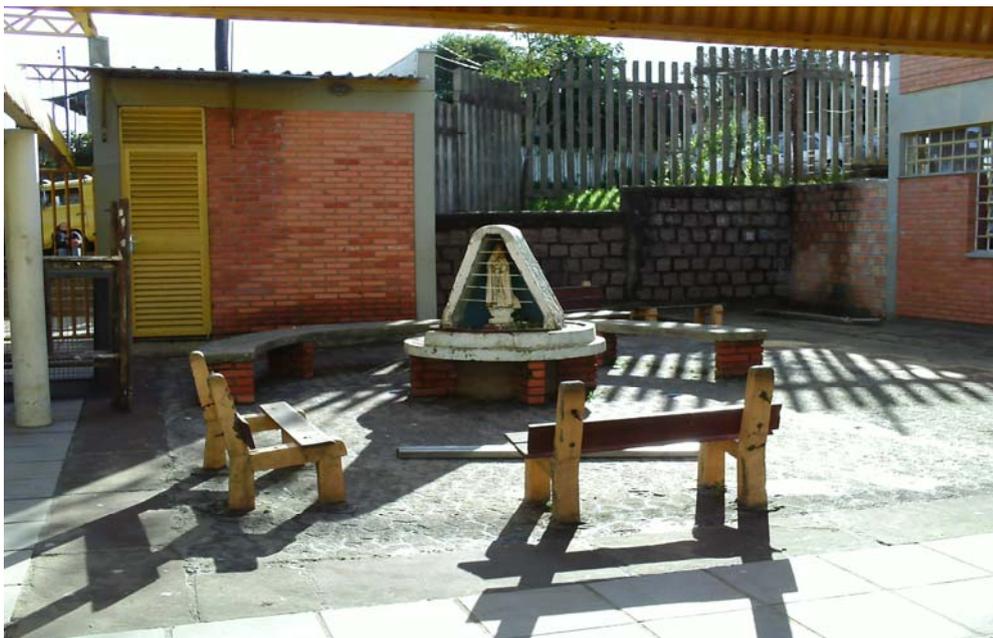


Figura 19: Imagem da Nossa Senhora de Fátima sob grades
Fonte: autora

1.4.6 Os laboratórios



Figura 20: Laboratório de Rádio
Fonte: autora

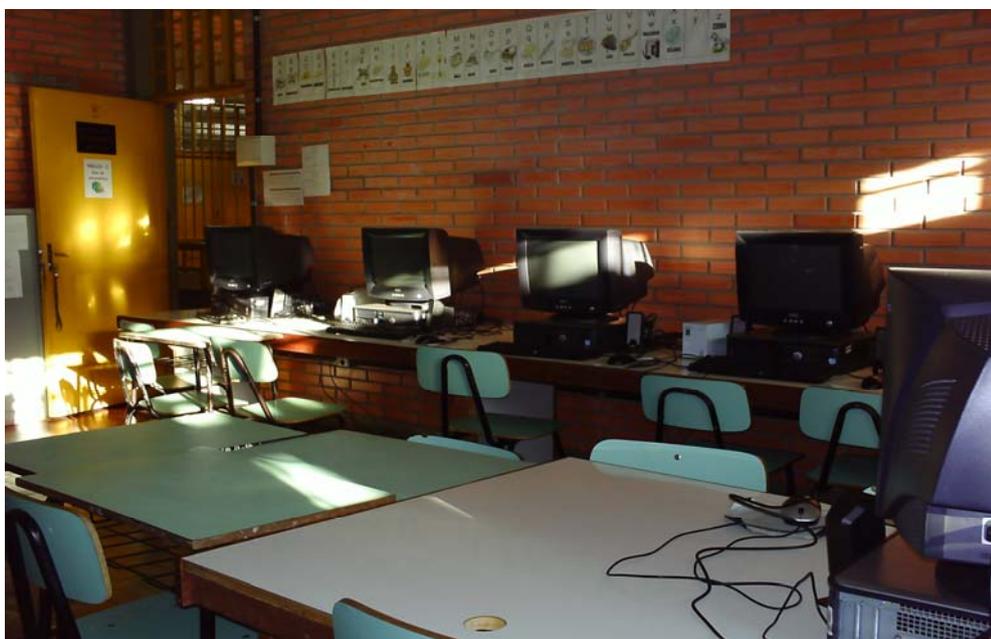


Figura 21: Laboratório de Informática
Fonte: autora

2 A proposta do trabalho de intervenção

2.1 Justificativa

O problema da desigualdade social não se limita à questão da renda, ramifica-se em outros tipos de exclusão. Da mesma forma, o chamado “analfabetismo funcional” não pode ser resumido a deficiente qualidade da educação básica no Brasil, já que o processo de aprendizagem envolve fatores até anteriores ao nascimento do indivíduo.

A escola pública, entendida aqui como espaço de relações sociais, pode funcionar como um observatório de desigualdades, no qual uma das evidências mais prementes de exclusão se dá pela comunicação, explícita principalmente na dificuldade de escrita ou de interpretação de um texto simples. Outros fatores, mais subjetivos, mas não menos perceptíveis ao olhar atento são a baixa auto-estima e a falta de autonomia dos alunos, comportamentos associados à pobreza.

Se o objetivo da Cooperativa de Comunicação Comunitária é promover a inclusão digital para inserir os jovens no mercado de trabalho, há que se considerar a necessidade de fomentar entre seu público o empoderamento. Caso contrário, a ação pode restringir-se ao limite do conhecimento de alguns *softwares*, sem ampliar as capacidades dos integrantes do projeto de superar sua condição social de maneira efetiva.

É a partir deste objetivo que o projeto Empoderamento na Rede é proposto ao Cidade Escola: contribuir para o fomento do empoderamento dos jovens da Vila Bom Jesus para ampliar suas capacidades de desenvolvimento. O objetivo específico é capacitá-los para a produção musical em base digital e para a construção de *blogs*⁵.

O Estatuto da Juventude postula, em seu 31º artigo, que o “exercício dos direitos culturais constitui elemento essencial para a formação da cidadania e do desenvolvimento integral do jovem”. Ao inserir a música no contexto das oficinas de informática oferece-se uma alternativa de produção desta importante forma de expressão cultural e artística.

⁵ “Blogs são páginas da internet atualizadas regularmente por uma pessoa ou um grupo. Temáticos ou não, eles podem trazer textos, imagens, áudios, vídeos, gráficos e quaisquer arquivos multimídia” (FOSCHINI; TADDEI, 2008, p. 9).

“O desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da afetividade e da comunicação são algumas das atribuições da educação musical” (HENTSCHKE, 2000) e o uso de *softwares* musicais pode ser uma de suas ferramentas. No contexto do projeto, o que se pretende é uma sensibilização sobre as possibilidades que estes *software* apresentam, assim como o uso da tecnologia digital para a criação musical e para o registro de manifestações culturais.

Quase como um instrumento musical o computador permite, mesmo a leigos em música, a composição e a produção de canções, como atestam a música eletrônica e o *rap*, este último um dos gêneros prediletos dos jovens da Vila Bom Jesus.

Em termos de preparação para o mercado de trabalho, a produção musical, ao estimular a criatividade, contribui para a criação de uma habilidade cada vez mais exigida no meio profissional. Há que se perguntar, no entanto, qual mercado seria capaz de absorver o jovem de baixa renda, se a competitividade e as exigências por qualificação são cada vez maiores? Quais habilidades podem ser desenvolvidas, no ciclo de um projeto, para ampliar suas chances de inserção?

A leitura e a escrita, a habilidade de comunicação, mesmo que demandem processos longos de aprendizagem, deveriam ser encaradas como prioridades. Embora o ensino no Brasil tenha praticamente se universalizado, o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) aponta que em 2007, apenas 37% dos jovens com idade entre 15 e 24 anos possuíam nível pleno de alfabetismo ⁶. Freire (1974, p. 111) pondera que a alfabetização, mais que o “domínio psicológico e mecânico de técnicas de ler escrever, é entender o que se lê e escrever o que se entende”, ou seja, a alfabetização é necessariamente uma ação crítica, reflexiva.

Por meio da construção de *blogs*, a expressão textual pode tornar-se matéria lúdica, ferramenta de comunicação com o mundo. Freire (1974) refere-se à comunicação como um processo dialógico, uma relação horizontal decorrente da simpatia entre indivíduos.

Como dialogar no espaço virtual ou mesmo colocar-se em relação empática com alguém nele?

⁶ Classificam-se neste nível “pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar elementos usuais da sociedade letrada: lêem textos mais longos, relacionando suas partes, comparam e interpretam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses”. (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2008).

Segundo Lemos:

o ciberespaço é hoje um espaço (relacional) de comunhão, colocando em contato, através do uso de técnicas de comutação eletrônica, pessoas do mundo todo. Elas estão usando todo o potencial da telemática para se reunir por interesses comuns, para bater papo, trocar arquivos, fotos, música, correspondência. (LEMOS, 2004, p. 138)

Além da possibilidade de comunicação no ciberespaço, os *blogs* ampliam a possibilidade de autoria, de cooperação, de participação. De interface simples, não exigem conhecimento técnico dos alunos e proporcionam alto nível de interatividade, uma vez que o espaço pode ser aberto para vários colaboradores, para comentários, além de poderem ser constantemente editados e terem seu conteúdo publicado.

O valor pedagógico dos *blogs* vem sendo atestado por educadores, como Zilá Moura e Silva, doutora em didática pela Universidade de São Paulo (USP). Segundo ela a ferramenta tem feito com que “alunos e professores escrevam mais e melhor”, num processo cuja autoria gera auto-estima. (Revista A Rede, ano 02, nº 17, 2006, p 38).

2.2 Objetivos

O objetivo geral do projeto ER é contribuir para o empoderamento dos jovens da Vila Bom Jesus por meio das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). O objetivo específico é capacitar os integrantes da Cooperativa de Comunicação Comunitária na produção musical em base digital e na construção de *blogs*.

2.3 Metodologia

A metodologia empregada na presente residência é a pesquisa-ação e as técnicas para a coleta de dados são a observação participante, a análise documental e a história oral dos envolvidos com o projeto Cidade Escola.

Segundo Thiollent:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1998, p. 14)

De acordo com os objetivos do projeto serão consideradas duas áreas de aplicação: a educação e a comunicação. Entre as atribuições da pesquisa-ação na educação, Thiollent (1998) atenta para a necessidade do uso de uma linguagem apropriada ao público e à constante reafirmação dos objetivos teóricos da pesquisa, por meio do diálogo. Assim, se a pesquisa trata de conceitos estranhos ao seu público, há que se desenvolverem mecanismos para clarificá-los.

Na área da comunicação, na qual se inserem as TIC, este tipo de pesquisa abrange tanto a análise crítica do discurso dos meios de comunicação como a produção de material comunicativo produzido pelos grupos implicados no processo.

Segundo Thiollent (1998, p. 79), “trata-se de que aqueles que não têm voz possam gerar informações significativas sobre suas condições ou sobre seus possíveis relacionamentos com outros interlocutores”. E ainda, “... trata-se de trabalhar sobre o discurso por meio de análises e interpretações. Isto supõe que seja ultrapassado o simples registro de informação espontaneamente gerada pelos interlocutores implicados na pesquisa”.

Durante a capacitação, tanto em produção musical, quanto na criação de blogs, os alunos serão instigados a trazer a tona sua realidade, seu cotidiano, os elementos significativos de suas vidas.

Um das técnicas empregadas na pesquisa será a observação participante, que consiste na prática de uma atividade pelo pesquisador junto ao grupo pesquisado, num processo de compartilhamento de experiências e de subjetividades, na imersão cultural do pesquisador no universo pesquisado e na construção conjunta de conhecimentos.

A observação participante refere-se, portanto, a uma situação de pesquisa onde o observador e observados encontram-se numa relação face a face e, onde o processo da coleta de dados se dá no próprio ambiente natural da vida dos observados, que passam a ser vistos não mais como meros objetos de pesquisa, mas como sujeitos que interagem em um dado projeto de estudos. (SERVA; JAIME JÚNIOR, 1995, p. 69).

No projeto Empoderamento na Rede, a pesquisadora assumirá a função de oficinaira da Cooperativa de Comunicação Comunitária, integrando, por um lado, a

equipe do Cidade Escola (CE) e, por outro, tendo um contato sistemático com os alunos da cooperativa. Desta forma além de imergir no universo de seu público, os jovens da Vila Bom Jesus, haverá uma imersão na vida organizacional do CE que, por sua vez, desenvolve-se dentro de uma escola, subordinado, portanto, a regras desta instituição, impregnado de sua normatividade. Esta condição torna mais interessante o tema “empoderamento” para a pesquisa, já que este discute invariavelmente as relações de poder.

Serão realizadas 40 oficinas destinadas a capacitação de 15 alunos na criação de *blogs* e em produção musical em base digital, com duração de 2h30, cada uma. A prática será narrada numa espécie de diário de campo, com a descrição de algumas oficinas realizadas durante o projeto. Será privilegiada a publicação das oficinas que demonstrarem melhor como os conceitos teóricos foram aplicados na prática.

A escolha por este tipo de narrativa se dá pelo desejo da autora de “trazer as vozes” dos participantes ao conhecimento do leitor, seus nomes, no entanto, serão substituídos para preservação de suas identidades.

3 Revisão Bibliográfica

Para a compreensão desta pesquisa torna-se necessário clarificar o conceito de empoderamento, assim como esclarecer o que são as novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) e apresentar algumas de suas aplicações, especialmente nas áreas da comunicação e da educação.

3.1 Empoderamento

De acordo com Romano e Antunes (2002, p. 4), “o empoderamento é uma perspectiva que coloca as pessoas excluídas dos processos prevaletentes de desenvolvimento e do poder no centro do processo de desenvolvimento”.

A exclusão social é um fenômeno decorrente da pobreza, aqui entendida não apenas como limitação de renda, mas como privação de capacidades (SEN, 2000). Isto significa que mesmo diante da igualdade de oportunidades, como o acesso à educação, por exemplo, as possibilidades de desenvolvimento de um indivíduo em

condição de extrema pobreza serão reduzidas em comparação com outro pobre, mas não em condição extrema.

Embora a constatação pareça óbvia, o que se observa em muitos projetos escolares voltados ao desenvolvimento, seja em sua dimensão econômica ou sociocultural, são estratégias que oportunizam a participação de todos, mas são capazes de gerar mudanças efetivas apenas aos que já acumulam algum capital cultural.

Para Romano e Antunes (2002) o uso de estratégias de empoderamento em projetos que visam à inclusão social justifica-se por somar a dimensão objetiva do desenvolvimento, que se refere a relação dos indivíduos com os mercados e as estruturas políticas (acesso à renda e a tomadas de decisões no âmbito econômico), uma dimensão subjetiva que está relacionada a processos intangíveis de tomada de decisão, voltados à consciência dos indivíduos de seus próprios interesses (crenças, valores, atitudes), assim como das possibilidades de articulação dos mesmos no meio social.

Freire questiona:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá melhor que eles os efeitos da opressão? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 1987, p. 31)

No contexto da opressão ou do desempoderamento, o gestor social pode atuar como facilitador do processo de tomada de consciência da situação e da ação conseqüente dele. A atuação principal será do grupo que se encontrava oprimido, pois se trata de um processo endógeno, ainda que apoiado por elementos exógenos.

De acordo com Romano:

[...] através do empoderamento se busca conscientemente quebrar, eliminar as relações de dominação que sustentam a pobreza e a tirania, ambas fontes de privação das liberdades substantivas. Com o empoderamento se procura combater a ordem naturalizada ou institucionalizada dessa dominação (seja ela pessoal, grupal, nacional, internacional; seja ela

econômica, política, cultural ou social) para construir relações e ordens mais justas e eqüitativas. (ROMANO, 2002, p. 6).

O processo descrito por Romano encontra referências na “pedagogia do oprimido”⁷, “segundo a qual os oprimidos, após conscientizar-se de sua situação e começar a comprometer-se com sua mudança, passam, depois da transformação de sua realidade ao processo de libertação, que naturalmente implicará num questionamento da cultura dominante”. (FREIRE, 1987, 41).

3.1.1 Estratégias de empoderamento

A existência de pessoas, grupos ou setores sociais desempoderados, oprimidos é o ponto de partida geral de qualquer estratégia de empoderamento, assim como o ponto de chegada seria a superação da condição de exclusão e de pobreza por estes grupos.

A identificação de potenciais e possibilidades de intervenção será fruto de uma ação conjunta entre “agentes do empoderamento”⁸ e grupos sociais implicados no contexto, os primeiros atuando como facilitadores, seja na construção de parcerias ou na criação de um ambiente favorável (Romano e Antunes, 2002, p. 8) ao exercício do poder adquirido e a apropriação de direitos pelos indivíduos; e os segundos protagonizando a ação.

Romano e Antunes (2002) atribuem a efetividade das estratégias de empoderamento a articulação de ações orientadas em dois sentidos:

- o fortalecimento de capacidades internas dos grupos sociais;
- a criação de meios que favoreçam o empoderamento.

Na primeira dimensão estão incluídas ações de fortalecimento organizacional, o desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades, a elevação da auto-estima, o fortalecimento de valores e a construção de parcerias com outros atores sociais.

⁷ Conceito criado por Paulo Freire, publicado em Pedagogia do Oprimido.

⁸ Pode-se definir como agente do empoderamento o agente externo ao contexto onde ocorrerá a ação, representado tanto por indivíduos como por organizações de origens diversas.

Na segunda, a que se refere aos meios que favorecem o empoderamento, destacam-se a “descentralização do Estado e o desenvolvimento local, a participação cidadã e a atuação em rede, o acesso a informação transparente, a constituição de serviços de apoio, mudanças na cultura institucional e a influência na distribuição orçamentária do Estado”.

Para fins desta pesquisa serão consideradas estratégicas as ações de desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades, a elevação da auto-estima e o fortalecimento de valores.

3.1.2 O desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades

Enquanto nos lares de classe média o computador é mais um eletrodoméstico, entre a população de baixa renda o acesso é limitado a telecentros, escolas, ONGs, *lan houses*, espaços onde o acesso é restrito, seja pelo tempo ou pelo custo.

A pesquisa TICS Usuários e Domicílios 2007, realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação (CETICS.br), revela que entre indivíduos com maior poder aquisitivo cresce a proporção de pessoas que adquiriram habilidades por conta própria, devido ao maior tempo de uso do computador. Entre este público é também maior a possibilidade de custear um curso pago de informática.

Segundo a pesquisa, quando questionadas sobre seu preparo frente ao computador e a Internet em relação ao mercado de trabalho, enquanto 62% dos entrevistados da classe A se declararam habilitados, nas classes D, E o percentual cai para 17%.

A desvantagem na aquisição de habilidades e conhecimentos de informática será, para o jovem de baixa renda, mais um limitador em sua entrada no mercado de trabalho e também da participação na vida social, uma vez que a informatização está presente em todos os âmbitos da sociedade.

Ao analisar as cifras da desigualdade na América Latina, Kliksberg (2003, p. 28) destaca a falta de acesso a informática e a internet: “a grande maioria da população não tem meios nem a educação requerida para conectar-se com esse mundo, fazendo parte assim de uma nova categoria de analfabetismo, o analfabetismo cibernético”. Importante ressaltar que a apreensão dos conteúdos de

informática está também relacionada a habilidades de leitura e interpretação. Dificuldades neste sentido podem não só limitar o uso, como colocar o usuário em risco. Tal qual para o analfabeto assinar um documento cujo conteúdo não domina pode significar sua ruína, no mundo virtual o usuário é o tempo todo questionado, assediado, impelido a dar comandos a máquina, cuja segurança estará condicionada a um conhecimento prévio.

O envio de um *e-mail*, forma mais usual de trocas de mensagens, por exemplo, exige a identificação do usuário e o uso de uma senha, que deve ser conhecida apenas por ele. Na próxima etapa, a interface trará campos para escrever, enviar, copiar outros destinatários, editar, anexar, enviar. Tarefas simples, até banais para uma pessoa plenamente alfabetizada, mas para um alfabetizado nível básico, para o qual há “limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações”⁹, pode ser extremamente difícil.

A observação acima encontra ressonância na prática realizada durante a Residência Solidária, que será narrada mais adiante, com um agravante: a falta de autoconfiança para arriscar-se no terreno recentemente conhecido sem o aval do “professor”.

3.1.3 A elevação da auto-estima e a afirmação de valores

A formação da auto-estima está diretamente relacionada ao contexto social do indivíduo. Segundo Macagnan (2002), este processo inicia-se na infância, quando “a criança gradualmente adquire percepções sobre si mesma que são um reflexo do modo pelo qual ela é tratada pelo seu ambiente social”. Ainda, segundo a autora, “famílias calorosas, responsivas, coesivas e que utilizam preferencialmente técnicas educativas democráticas tendem a incrementar a auto-estima de seus filhos” (MACAGNAN, 2002, p. 31, 32).

É sabido que a pobreza pode comprometer definitivamente a estruturação familiar. Não bastasse isto, na sociedade capitalista os valores das pessoas são frequentemente associados ao seu poder de consumo. Portanto, não é de se estranhar a ocorrência da baixa auto-estima entre os jovens de baixa renda.

⁹ (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2008).

Não se pretende defender aqui a idéia de que a falta de auto-estima seja exclusividade dos setores pobres, mas, à medida que a pobreza vai privando capacidades e ruindo o tecido social as condições para a formação de auto-estima também vão sendo comprometidas.

É o que Bronzo trata como “duplo caráter da pobreza”:

Ao considerar o duplo caráter da pobreza - como fenômeno que envolve aspectos mais e menos tangíveis, dimensões objetivas de falta de recursos e também dimensões subjetivas relativas a valores, comportamento, autonomia – tem-se como implicação que qualquer estratégia que busque a superação da pobreza passa necessariamente pelas pessoas e que, para desenvolver estratégias sustentáveis e efetivas é necessário alterar tais condições limitadoras, investir no empoderamento das pessoas, no desenvolvimento de sua autonomia, competências e capacidade de auto-desenvolvimento, visando a ampliação de sua capacidade de ação. (BRONZO, 2006)

Além de questionar os valores do sistema capitalista, em sua lógica de competição e acumulação e afirmar outros, como a solidariedade, a cooperação, a ética, a equidade, é preciso, sobretudo, criar meios que sensibilizem as pessoas sobre sua própria capacidade de transformar sua realidade, o que seria, nas palavras de Romano e Antunes (2002, p. 11) uma “dimensão pessoal” do empoderamento.

3.2 As novas tecnologias de comunicação e informação (TIC)

Lemos (2004) define as novas tecnologias de informação (TIC) como a fusão entre as telecomunicações analógicas e a informática, tendo por suporte o computador, instrumento que possibilita a veiculação de diversas formatações de mensagens. Segundo o autor “esta revolução digital implica progressivamente a passagem dos *mass media* (cujos símbolos são a tv, o rádio, a imprensa, o cinema) para formas individualizadas de produção, difusão e estoque de informação” (LEMOS, 2004, p. 68).

A individualização da produção, da difusão e do estoque de informação, citada por Lemos, quebra a condição do sujeito de mero receptor aos meios de comunicação de massa e possibilita tanto a autoria quanto a interatividade. Se essas possibilidades já eram amplamente trabalhadas dentro da Comunicação Comunitária é por meio das TIC, especialmente da Internet, que elas ganham força.

No campo do jornalismo, por exemplo, surge o webjornalismo¹⁰ e, com ele, a ampliação do conceito de jornalismo cidadão¹¹. Com meios como celulares, câmeras digitais e *blogs* qualquer cidadão pode tornar-se um produtor de notícias.

Redes sociais *online*, como o *Orkut* e *MSN*, *chats*, *blogs*, jogos eletrônicos revelam um novo tipo de sociabilidade, corroborando para o surgimento de uma cibercultura.¹²

No universo escolar as TIC se inserem no campo da Educomunicação, definida por Soares como:

conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos (Kaplún) em espaços educativos presenciais ou virtuais e melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos de informação no processo de aprendizagem". (SOARES, 2003, p. 43).

Para Belloni (apud GOMES, 2007) as TIC podem ser um ótimo suporte de aprendizagem por suas características mobilizadoras e aglutinadoras, desde que se pautem por uma abordagem crítica, criativa e interdisciplinar do conhecimento.

De acordo com Educarede (2006):

o uso da internet na educação potencializa o alcance da atividade pedagógica proporcionando aprendizagens específicas no âmbito do letramento digital que podem ser sintetizadas em três aspectos: aprender a pesquisar, aprender a publicar conteúdos e aprender a comunicar-se no ambiente digital. (EDUCAREDE, 2006)

Os modos de deslocamento no ciberespaço, as comunidades, as preferências, oferecem ao educador ampla possibilidade de investigação de temas geradores¹³, além de ser mais uma alternativa de encontro com o educando.

Entre as ferramentas utilizadas para estimular a prática criativa descrita por Belloni, podem-se destacar os *blogs* e os *softwares* de produção musical. No

¹⁰ MIELNICZUK (2003) adota o conceito "*webjornalismo*" para designar aquelas publicações veiculadas na World Wide Web (WWW). (MIELNICZUK *apud* PRIMO; TRASEL, 2006)

¹¹ Dan Gillmor, no livro "We the Media" (2004), atribui a participação da comunidade como maior potencial na fusão das novas tecnologias com a comunicação. O autor defende a idéia de cada pessoa ser um produtor de notícias, construindo novas formas de expressão e aprendizado (GILLMOR *apud* FOSCHINI; TADDEI, 2008).

¹² O termo, que pode ser traduzido como o encontro da cultura contemporânea com as TIC em processo interativo, foi brilhantemente explorado por André Lemos (LEMOS, 2004)

¹³ Universo temático do indivíduo, a maneira como sua percepção da realidade é traduzida pela linguagem. (FREIRE, 1987, p. 87).

próximo capítulo será descrito como e porque estes objetos de intervenção foram selecionados para compor as estratégias de empoderamento do projeto ER.

4 A residência

A residência solidária teve início com a escolha de dois objetos de intervenção: a produção musical em base digital e os *blogs*. O processo é detalhado a seguir.

4.1 A produção musical em base digital

A escolha da música como objeto de trabalho deu-se, num primeiro momento, em função da identificação do interesse dos jovens da Vila Bom Jesus pelo tema nesta área, principalmente durante a realização do projeto TIM Música nas Escolas (TME), entre os anos de 2003 e 2007.

O TME, “cujo objetivo é possibilitar aos jovens o acesso a diferentes modos de aprendizagem e atuação na sociedade por meio da música”, promoveu nas escolas onde atuou uma série de shows e oficinas.

A escola Nossa Senhora de Fátima se destacou no projeto tanto pelo número de participantes na comunidade, quanto pelo número de grupos que se formaram a partir destes eventos. Por dois anos consecutivos classificou-se em terceiro lugar no Festival de Música do Comitê de Entidades Contra a Fome e Pela Vida (COEP/RS), que tem como proposta divulgar os 8 Objetivos do Milênio, estabelecidos pela ONU.

A escola também potencializou a criação do Núcleo de Rádio, pelo TME, que instalou lá uma rádio poste, incluindo-o na proposta do Cidade Escola. Hoje, a rádio conta com a dedicação exclusiva de um profissional que também ministra as oficinas de Rádio da Cooperativa de Comunicação Comunitária.

Mas como dar continuidade as ações iniciadas pelo TME sem o aporte financeiro do projeto, que encerrava suas atividades em 2007?

A resposta veio durante o último show do projeto, realizado no dia 15 de maio de 2007, em comemoração ao 50º aniversário da escola e à inauguração do laboratório de informática. Com o uso das novas Tecnologias de Informação e

Comunicação (TIC) seria possível fazer produção musical de maneira alternativa e gratuita, pois a matéria prima deste tipo de trabalho encontra-se disponível na internet.

A viabilidade técnica do projeto havia sido atestada durante 8º Fórum de Software Livre, realizado em Porto Alegre, entre os dias 12 e 14 de abril 2007. DJs, como Lúcio K¹⁴ e Dolores, para quem "os computadores são os tambores de hoje, um instrumento primal que cada um pode usar do seu jeito"¹⁵, apresentaram produções em *software* livre, solução para o problema do alto custo dos programas de produção musical. O uso destes *softwares* em ambiente escolar também estava sendo pesquisado por uma professora da disciplina Música e Mídia, no Colégio de Aplicação, Instituição de Ensino Público Federal, ligada a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A melhor alternativa e maior expectativa, no entanto, era a conclusão do *software* desenvolvido por um doutorando do curso de Informática da UFRGS, cujo objetivo era viabilizar a "composição musical para leigos". De interface simples e em português este, parecia ser o mais adequado ao público da cooperativa.

O produtor musical responsável pela aplicação das atividades seria Pedro Floriani, também residente do curso de Gestão Social do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da UFRGS. Assim, se resolveria a necessidade de competência técnica no projeto.

A introdução da música no universo da cooperativa, no entanto, não viria a ser concretizada. Primeiro, houve uma mudança no cronograma da conclusão do software do doutorando da UFRGS, que estava prevista para novembro de 2007, mas não havia sido concluída até março de 2008. Optamos por trabalhar com programas usados por profissionais, aproveitando seus recursos mais simples e aplicáveis em nosso contexto.

Começou, então um intenso trabalho de solicitações de atendimento a Companhia de Processamento de Dados do Município de Porto Alegre (PROCEMPA), empresa responsável pela manutenção do sistema de informática da

¹⁴ Vencedor do concurso Overmixter BraSA, promovido pelo site Overmixter por meio do Centro de Tecnologia de Sociedade da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e do site Overmundo. A partir de material sonoro (*samples* e vocais) disponibilizado gratuitamente pelo Overmixter, o DJ criou o *remix* Tudo Vem da África.

¹⁵ (ROCHA, 2008)

cooperativa e única autorizada a instalar quaisquer programas em seus computadores.

Por meio da coordenação do projeto CE da EMEF Nossa Senhora de Fátima, foi encaminhado à PROCEMPA, um ofício com a lista de *softwares* necessários a implantação das oficinas. A instalação ocorreu somente em abril e o produtor Pedro Floriani concluiu que o projeto seria inviável por termos, pouco mais de um mês de trabalho pela frente. Embora esta conclusão não fosse consensual, afinal o trabalho de pesquisa realizado antes da concepção do projeto levantou possibilidades de produção em curto prazo, era ele quem detinha a competência técnica para seguir adiante.

4.2 O *blog*

A criação de *blogs* pelos alunos, em princípio tinha o objetivo de registrar as oficinas de produção musical. Além de obtermos um registro de todo o processo da residência sob a ótica dos alunos, estes seriam capacitados em uma ferramenta que, entre suas vantagens, possui o estímulo a escrita e a leitura, o exercício da liberdade de expressão e a possibilidade de interatividade no ciberespaço.

As oficinas de produção musical não aconteceram, como citado acima, em compensação as de *blog* (ferramenta totalmente desconhecida pelos alunos) tiveram ampla adesão do público. O trabalho revelou algumas dificuldades dos alunos, antes apenas inferidas pela residente, relativas à leitura, à interpretação de textos, à compreensão de interfaces digitais e, por outro lado, possibilitou a investigação de temas geradores¹⁶ por meio das “postagens”.

Partindo das músicas e dos vídeos “postados”, foram sugeridos aos alunos, textos, a criação de hiperlinks e, ainda, a proposta a produção de um *blog* coletivo. O conteúdo, sugerido pelo grupo, deveria trazer notícias do bairro Bom Jesus. Assim entrou-se, ainda que sutilmente, no universo da redação de notícias e na proposta de criação de um *webjournal*.

Esta aproximação com o mundo do jornalismo trouxe outra complexidade ao trabalho, como a necessidade de elaboração de material pedagógico sobre o

¹⁶ Universo temático do indivíduo, a maneira como sua percepção da realidade é traduzida pela linguagem. (FREIRE, 1987, p. 87).

assunto e de uma leitura crítica dos meios de comunicação, com enfoque, às notícias sobre a Vila Bom Jesus.

A avaliação final do projeto, pelos alunos, revelaria que a liberdade de expressão foi considerada por eles como uma das vantagens na produção de *blogs*.

Se o acesso a música antes era feito pelos meios de comunicação de massa e conseqüentemente sujeitos a programação destes, na Internet os alunos encontraram, não só meios de acessar o conteúdo musical de sua preferência, mas também de divulga-lo em seus próprios canais.

A formação de rodas em volta de um computador, a exemplo das rodas que se formam em torno de um violão, para ouvir uma música postada por um colega foi comum durante a realização das oficinas.

4.3 Diagnóstico inicial da situação

O acesso gratuito a computadores com conexão a internet na Vila Bom Jesus, antes da inauguração do laboratório de informática da EMEF Nossa Senhora de Fátima, era feito apenas no Centro de Educação Ambiental (CEA), que possui um telecentro.

Os primeiros contatos da pesquisadora com os alunos da Cooperativa de Comunicação Comunitária ocorreram nos dias 05 e 07 de novembro de 2007, durante as oficinas de informática, que abordariam os programas Word, Excel e Power Point e seriam ministradas por um educador popular, morador da Vila Bom Jesus.

Neste contato inicial a maioria do grupo revelou já ter feito algum uso do computador, em geral para acesso da rede social *Orkut* e do programa de conversação instantânea *MSN*. Na prática, porém, funções simples como ligar e desligar o computador e termos como “digitar” pareciam desconhecidos de quase todos, provavelmente em função de sempre acessarem máquinas em locais públicos, como *lan houses* e o telecentro do CEA.

Durante um mês de acompanhamento das atividades da cooperativa foi possível perceber a lentidão do processo de aprendizagem e certo desânimo dos alunos diante dos conteúdos das oficinas, compostas geralmente de uma parte teórica de difícil compreensão, mesmo para quem está habituado ao uso do computador.

O uso de termos em inglês, como *hardware*, *software*, *desktop*, sem a devida relação com o “mundo real” acabavam por gerar mais entraves do que a curiosidade e a necessidade de superar a “situação-limite”¹⁷.

A digitação de um texto era sempre demorada e a expectativa de usar a Internet quase nunca satisfeita. Desta forma pode-se ratificar a impressão de que qualquer que fosse a proposta para o grupo, deveria ser acompanhada de atividade lúdica, dialógica e de uma constante busca pela relação entre o vocabulário virtual e temas próprios do cotidiano daquele público.

4.4 Público

O público do projeto Empoderamento na Rede são os alunos da Cooperativa de Comunicação Comunitária da Vila Bom Jesus, com idade entre 14 e 21 anos. A maioria do grupo é formada por ex-alunos da EMEF Nossa Senhora de Fátima que, hoje, cursam o Ensino Médio.

4.5 Resultados Esperados

A realização do projeto tem como metas:

- a realização de 40 oficinas de informática;
- a capacitação de 15 jovens a produção musical em base digital;
- a capacitação 15 de jovens em criação de blogs;
- desenvolvimento de habilidades de uso de ferramentas da internet;
- aprimoramento da capacidade de comunicação do grupo (leitura e texto);
- desenvolvimento da autonomia,
- elevação da auto-estima.

4.6 Recursos

¹⁷ Limite enquanto se impõe como obstáculo a aprendizagem, mas uma vez superada converte-se no que Freire chamou de “inédito viável”. (FREIRE, 1987, p. 94)

4.6.1 Físicos e materiais

O projeto Empoderamento na Rede está inserido dentro da Cooperativa de Comunicação Comunitária do Projeto Cidade Escola, que tem como instituição proponente o Conselho Escolar da EMEF Nossa Senhora de Fátima. Utiliza, portanto, a infra-estrutura disponibilizada para o Núcleo de Informática, constituída de uma sala equipada com 15 computadores, mobiliário e ar condicionado, além de um projetor multimídia, disponibilizado quando necessário pela escola.

4.6.2 Humanos

Na execução do trabalho a residente Mônica Barbosa atuará como oficinaira na capacitação a criação de *blogs*. As oficinas de produção musical serão ministradas por meio de uma parceria estabelecida com o residente Pedro Floriani. A equipe da escola – diretores, supervisores, seguranças, serventes, secretários – estará naturalmente implicada no trabalho por desenvolver-se dentro deste espaço, o projeto.

4.6.3 Financeiros

Por estar ancorado ao projeto Cidade Escola, que recebe recursos financeiros da Secretaria Municipal de Educação

Item	1. Descrição	2. Qtdd	3. Unid	4. Vlr Unitário	5. Total da Linha
1	Recursos Materiais				
1.2	Computadores	15	Computador	1.300,00	19.500,00
1.3	Cadernos	15	Caderno	5,00	75,00
1.4	Canetas	1	Caixa	18,99	18,99
1.5	Lápis	2	Caixa	3,80	7,60
1.6	Borracha	8	Caixa	1,00	8,00
1.7	Quadro branco	1	quadro branco	40,00	40,00
1.8	Marcadores para quadro branco	3	Marcador	4,49	13,47
1.9	Conexão internet banda larga	4	Mês	199,90	799,60
1.10	Habilitação de internet banda larga	1	Taxa	130,00	130,00
1.11	Transporte monitores	160	Passe	2,10	336,00
	TOTAL DE RECURSOS MATERIAIS				20.928,66

2	Recursos Físicos				
2.1	Sala	4	Aluguel	200,00	800,00
2.2	Mesa	15	Mesa	69,00	1.035,00
2.3	Cadeiras	15	Cadeira	47,00	705,00
2.4	Ar condicionado	1	Aparelho	629,00	629,00
	TOTAL DE RECURSOS FÍSICOS				3.169,00
3	RECURSOS HUMANOS				
3.1	Coordenador	4	Mês	2.000,00	8.000,00
3.2	Monitores/ Residentes	4	Mês	600,00	2.400,00
	TOTAL DE RECURSOS HUMANOS				10.400,00
4	VALOR TOTAL DO PROJETO	1	Verba		34.497,66

4.7 Cronograma

AÇÕES	ANO 2007								ANO 2008				
	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
Pesquisa/Diagnóstico	X	X	X										
Elaboração do projeto				X	X								
Apresentação/Aprovação						X							
Montagem de equipe					X	X	X						
Divulgação						X							
Observação direta							X	X					
Oficinas de blog									X	X	X	X	X
Oficinas de produção musical									X	X	X	X	X
Avaliação	X	X	X			X	X	X	X	X	X	X	X
Relatório Final													X

4.8 O campo

Com objetivo de aproximar o leitor da dinâmica da residência os fatos serão narrados numa espécie de diário de campo. Para preservar a identidade dos participantes os nomes serão substituídos. As reflexões da pesquisadora serão descritas em janelas ao fim de cada capítulo.

4.8.1 A interação com a comunidade

Embora já desenvolvesse um trabalho na Vila Bom Jesus, nunca havia inculido por seus becos e vielas. Meu primeiro contato com a comunidade ocorreu

durante a divulgação do projeto, em 03 de outubro de 2007, cuja dinâmica fora definida pela coordenadora do CE, Neusa Dariva. Nesta ocasião conheci o profissional que ministraria as oficinas de Jornal e Informática, morador da Vila Bom Jesus e nosso guia durante a panfletagem.

Neusa e eu nos encarregamos de entregar os panfletos e o monitor de colar os cartazes em estabelecimentos comerciais ONGs, creches, associação de moradores, igrejas etc. Neste dia o que mais me impressionou, além da pobreza da comunidade e do número de bares e igrejas por metro quadrado, foi a quantidade de homens sentados nas calçadas em plena tarde.

Ao entregar o panfleto eu explicava o que era a cooperativa e quais as oficinas oferecidas. Depois de algumas abordagens comecei a me referir as oficinas como “curso”, pois percebi que o termo era mais familiar às pessoas.

Durante nossa caminhada, o monitor comentou que não gostaria de interromper as oficinas no verão (período de férias escolares), pois isto afetaria o processo de aprendizagem, opinião compartilhada por mim e apresentada a coordenadora do CE. Neusa concordou conosco e se propôs a conversar com direção da escola para verificar a possibilidade de funcionarmos sem o núcleo de rádio e sem a presença dela.

Uma semana depois encontrei-me novamente com o monitor para panfletar. Estava chovendo, mas fomos mesmo assim. Só os “aviões”¹⁸ estavam na rua. Procedi com naturalidade, afinal é este o público que queremos atrair.

Esta experiência foi importante e só foi possível por estar com um morador que conhecia bem o local e é respeitado por participar do jornal comunitário do bairro. Ao final, sugeri a Neusa, que a divulgação não se limitasse a panfletagem, pois, já tendo realizado uma pesquisa no bairro, sabia que a leitura era domínio de poucos.

Embora não exista equidade entre gêneros no trabalho (mulheres ainda ganham menos que os homens para exercerem as mesmas funções) penso que a mulher ainda consegue encontrar espaço no mercado de serviços domésticos. Para os homens, ao contrário, a falta de qualificação é

¹⁸ Gíria usada para designar pessoas que passam drogas aos usuários, a serviço do traficante, também conhecido como “mula”. Geralmente ficam na rua, a espera de compradores de passam de carro nos ponto de distribuição.

desemprego certo, o que torna maior o apelo as atividade ilícitas para o público masculino.

4.8.2 Início das oficinas da Cooperativa de Comunicação Comunitária

A cooperativa iniciou suas atividades em 31 de outubro de 2007.

Combinamos que as oficinas de produção musical começariam depois de minhas observações diretas, pois não tínhamos ainda noção do nível de conhecimento do público.

No dia da inauguração da cooperativa, o produtor Pedro Floriani e eu, nos apresentamos e falamos das possibilidades de que o computador oferecia para a produção musical. O evento foi encerrado com um coquetel preparado pela escola.

Anderson, um dos inscitos, já envolvido com hip hop, pediu a coordenadora Neusa para que me mostrasse a letra de um *rap* que seu grupo havia feito, numa clara demonstração de interesse pelas oficinas de música.

No dia 05 de novembro de 2007 começaram as oficinas de informática, que passei então a acompanhar em observação direta. O objetivo desta prática era diagnosticar o nível de conhecimento que os alunos tinham sobre o uso do computador.

Percebi que os textos usados nas aulas com o objetivo de capacitar os alunos em edição possuíam, em geral, uma “moral”. Coisas do tipo, “o sucesso só depende do esforço de cada um” ou “ um homem de sucesso com certeza não foi um adolescente que fez tudo o que queria”...

O uso destes textos me provocou por ver no discurso uma justificativa para a opressão e um conformismo com a privação, além da culpabilização indivíduo destituída de seu contexto social. Comecei a pensar em qual é o papel de uma Cooperativa de Comunicação Comunitária se ela não refletir sobre o próprio papel da comunicação? Terá legitimidade um jornal comunitário sem observar isto?

A formação deveria contemplar um conteúdo emancipatório.

4.8.3 Definição da agenda das oficinas de *Blog* e Produção Musical

Depois de alguns acompanhamentos das oficinas de informática, fomos orientados pela coordenação do CE e pelo responsável por aquele núcleo que esperássemos pelo menos um mês para iniciarmos nossas atividades, pois se fazia necessária uma introdução básica ao conteúdo informática e isto levaria mais tempo do que o presumido.

Concordamos a até veio calhar, pois as mudanças no calendário da UFRGS começavam a colidir com os das oficinas e modificar nosso plano inicial. Já estávamos no fim de novembro e agora parecia melhor começar em janeiro, para não ter que parar com as atividades no meio do caminho (Natal e Ano novo).

Fomos também comunicados que durante o verão as oficinas não poderiam ocorrer à noite e, como não haveria oficinas de rádio seria necessária nossa presença por mais de um dia na semana. Isto porque há uma carga horária pré-estabelecida para o funcionamento do CE.

A notícia nos pegou desprevenidos, pois trabalhamos durante o dia. Depois de algum tempo de discussão concluímos que poderíamos remanejar nossos horários.

Ficou definido que eu ministraria oficinas as terças e sextas e Pedro às quintas-feiras. Eu aproveitaria a carga horária extra para trabalhar questões relacionadas à redação (ponto fraco do grupo) e ao processo de comunicação de uma maneira mais crítica. Marcamos as oficinas para 08 de janeiro, terça-feira, começando comigo.

Seguindo a metodologia da pesquisa-ação em comunicação, pretendia lançar algumas reflexões sobre o discurso dos meios de comunicação de massa, sobretudo ao tratamento do local (Bom Jesus) pela mídia. Aproveitaria ainda, a criação dos blogs para trabalhar a produção textual.
--

4.8.4 O início das oficinas de blog

Conforme combinado com a coordenação do Cidade Escola, iniciamos as oficinas no dia 08 de janeiro. Segue abaixo a descrição, em ordem cronológica, não de todas as oficinas, mas das que melhor ilustram o processo da residência.

Oficina I

Data: 08/01/2008

Horário 14h às 17h30

Número de alunos: 12 alunos

Quando cheguei já havia uma turma a minha espera. Eram eles:

Lúcia, 17 anos.

Anderson. 16

Thiago: 15

Jonathan: 16 anos

Paulo: 16 anos

Marcos: 15 anos

Edson: 17 anos

Andressa: 15 anos

Rodrigo: 15 anos

Ana: 16 anos

Alexandre: 16 anos

Ângelo: 17 anos

Este grupo é formado por moradores da Vila Bom Jesus e a maioria cursa o ensino médio em escolas estaduais do entorno. De acordo com o regulamento da cooperativa, além das oficinas de informática, eles devem assistir as de rádio e jornal comunitário.

Propus que nos sentássemos em círculo, para facilitar nossa comunicação. Em seguida apresentei-me, assim como a proposta de trabalho. Disse que era pesquisadora da UFRGS e que meu objetivo ali era realizar oficinas de informática, um pouco diferentes das que eles estavam acostumados: nós íamos usar a Internet

para fazer músicas, para escrever textos de nossa autoria, colocar nossos vídeos, usarmos nossa criatividade.

Pedi que eles se apresentassem, dissessem o nome, que tipo de contato tiveram com o computador e o que os trazia aquelas oficinas. A maioria parava no nome e, para obter outras informações, eu tinha que refazer as perguntas. Naquele primeiro momento relataram que já tinham tido contato com alguma rede social *online*, como *Orkut* e *MSN* (conforme eu havia observado na fase de diagnóstico) e a expectativa, em geral, era “aprender sobre computador”.

Perguntei se eles conheciam *blog*, se já tinham ouvido falar. Como todas as respostas foram negativas, dei uma breve explicação e depois os convidei a conhecer algumas destas páginas. Eram eles, o *blog* de Ferrez e Becos e Vuelas ZS, o primeiro de um escritor de literatura marginal e o segundo de um grupo de comunicação formado por jovens da periferia da Zona Sul de São Paulo.

No Becos e Vuelas, havia um pequeno vídeo sobre o lançamento do livro *Punga*, escrito por dois jovens negros, com conteúdo voltado a “valorização do homem e da mulher negra”, segundo os autores (boa parte dos alunos da cooperativa é negra).

Ali, já aproveitei para dizer que criaríamos uma página semelhante aquela e que, quando comessem as oficinas de vídeo, eles poderiam gravar seus próprios vídeos e colocar lá, exatamente como fizeram os jovens do Becos e Vuelas. A empolgação foi tanta que foi difícil tirá-los do computador para o lanche.

Combinei que depois começaríamos a fazer nosso *blog*, antes, porém, teríamos que criar nossos e-mails, pré-requisito para a criação de um *blog* e uma ferramenta de comunicação importante. O paralelo entre a mensagem que chega pela Internet e a que é entregue pelo correio foi feita desde o princípio, ressaltada a importância de fidedignidade do endereço para o sucesso da entrega.

Este foi um momento rico de percepção de algumas dificuldades da turma. O preenchimento do protocolo do e-mail exige concentração, paciência e interpretação. O anseio por concluir a tarefa e colocar em funcionamento levava a repetição de etapas.

- Professora, Monicá (sic)! O que é pergunta secreta?

Esta frase ecoou várias vezes pela sala. Os alunos se referiam a pergunta de segurança, aquela destinada a auxiliar o usuário a identificar sua senha em caso de esquecimento. Conteí com a ajuda de Luciano, monitor de informática, neste dia. Aos poucos íamos decifrando perguntas secretas com os alunos.

Havia também, um problema de rede: a conexão, além de lenta, caía seguidamente obrigando-nos a começar tudo de novo, às vezes, já no fim do processo, causando ansiedade e frustração.

No fim da oficina anotei os endereços na lousa e pedi que os alunos trocassem mensagens. Os olhos brilharam. Como todo nosso tempo foi consumido em função da criação do e-mail, os *blogs* ficaram para a próxima oficina.

Este começo foi tenso para mim: por não ter experiência como oficineira, tinha medo de frustrar o grupo ou assumir alguma postura que inibisse o aprendizado. Esta dificuldade começou com minha própria linguagem, erudita demais naqueles primeiros contatos. Os exercícios no computador facilitaram minha comunicação com os alunos: eles queriam aprender e eu podia ensinar na prática. Refletindo, agora, parece que houve uma inversão: de mediadora, passei a mediada pela máquina.

Oficina II

Data: 18/01/2008

Horário: 9h às 11h30

Número de alunos - 6 alunos

Sentados em círculo, expliquei que havia mandado por e-mail (sabia que eles tinham aprendido na oficina anterior a baixar arquivos do e-mail com meu colega, Pedro), o livro *Blog, da Coleção Conquiste a Rede*, escrito pelos jornalistas Ana Carmem Foschini e Roberto Romano Taddei. O livro, publicado no site Overmundo¹⁹

¹⁹ Site colaborativo cujo “objetivo é servir de canal de expressão para a produção cultural do Brasil e de comunidades de brasileiros espalhadas pelo mundo...”. Seu conteúdo é produzido por seus usuários e publicado mediante votação do mesmo. Mais informações no endereço: <http://www.overmundo.com.br>

e licenciado em Creative Commons,²⁰ é uma espécie de guia básico sobre o assunto.

Percebi que o grupo já estava um pouco mais confiante, alguns me chamando para confirmar as ações, não apenas para perguntar. Propus que fizéssemos uma leitura conjunta dos capítulos que nos interessavam para elaboração da atividade do dia, que seria a criação do nosso *blog*. Como ninguém quis ler, li eu mesma, fazendo pausas, comentando, buscando exemplos do cotidiano.

A minha preocupação principal era sobre a segurança, pois o *blog* é uma ferramenta interativa, que permite contato com outros usuários. Informações como o que pode ser publicado e o que não pode, sobretudo tratando-se de adolescentes me pareceu o mais importante naquele momento. Além disso, existem regras sobre o uso de *blogs*, como a questão dos direitos autorais.

Durante nossa leitura, o aluno Anderson comentou que já tinha ouvido falar em *blog* no *reality show* Big Brother. Chamou-me a atenção o uso da expressão em inglês (isto se repetiria muito na linguagem de Anderson).

Perguntei o que era um *reality show* e ele respondeu “As pessoas tão lá sendo filmadas, eles ficam dentro de uma casa e tudo que eles fazem é filmado, todo mundo vê, por isso que é *reality*, é real mesmo o bagulho”.

Perguntei se eles, numa situação assim, sabendo que estavam sendo filmados agiriam com naturalidade, se iam falar qualquer coisa, enfiar o dedo no nariz etc. Rindo, o “eu não” soou em coro. Perguntei então: esse *reality* é real mesmo? As respostas foram não e não sei.

Aproveitei o gancho para dizer que sempre que se produz um material de comunicação quem está fazendo considera que alguém terá contato com o que está sendo produzido, portanto há sempre uma relação entre o emissor, o receptor e o meio e há sempre uma intenção neste arranjo.

Na seqüência desta conversa, disse que alguns jornalistas criavam seus próprios *blogs* para poderem se expressar sobre assuntos que seus contratantes censuravam.

(Anderson) - Mas se o patrão dele vê, ele pode ser demitido.

²⁰ “O Creative Commons disponibiliza licenças que abrangem um espectro de possibilidades entre a proibição total dos usos sobre uma obra - *todos os direitos reservados* - e o domínio público - *nenhum direito reservado*.”

http://www.creativecommons.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=21&Itemid=3

(Mônica) - Pode, mas não por este motivo. O patrão tem que inventar outra história, porque senão ele tá ferindo o direito a liberdade de expressão, que é um direito humano. Vocês sabiam disso? Que liberdade de expressão é um direito?

(Anderson) – Bah, nem sei que é esse bagulho!

(Mônica) – Que é que parece pra vocês quando eu falo em expressão? Agora, por exemplo, eu tô me expressando. Não tô?

(Anderson) – É, tipo falar, assim?

(Mônica) – Tipo falar. E se eu cantar uma música, tô me expressando Lúcia?

(Lúcia) – Ah, num sei sôra, responde com a cabeça baixa, desviando o olhar do meu.

(Mônica) – Tô me expressando, Andressa, se eu cantar uma música?

(Andressa) – Acho que sim, sôra.

(Mônica) – E se eu faço assim?

Gesticulo fazendo sinais negativos com cabeça e o dedão da mão para baixo.

(Anderson) – Tudo então é expressão.

(Mônica) – É. E quando a gente conversa ou dá uma opinião sobre alguma coisa, a gente tá praticando a nossa liberdade de expressão.

(Anderson) – Eu vou escrever no meu *blog* que a pior aula é da professora Leonora, hein Thiago? Mas aí ela vai pegar no meu pé. Bah, não dá! Mas todo mundo odeia a aula dela.

Risos.

(Mônica) - Você pode ser mais político, Anderson. Você pode colocar uma votação no teu *blog* pedindo pras pessoas votarem na aula mais legal e põe o nome dela lá no meio, para ver se ela consegue um votinho.

Risos.

(Anderson) – Bah, dá pra fazer isso?

(Mônica) – Dá pra isso e muito mais, a gente pode fazer isso colocando uma enquete no *blog*.

A palavra “enquete” exigiu explicações. Descobri que aqui em Porto Alegre (sou de São Paulo), chama-se questionário.

Continuamos a oficina discutindo questões básicas de segurança, depois partiríamos para a criação dos *blogs*, mas tivemos que cancelar a atividade, pois a rede Internet não estava disponível.

Nota-se que neste dia houve uma significativa queda no número de alunos, ocorrida por conta do horário. Isto se repetiria outras vezes, levando-me a optar por manter as oficinas de terças-feiras, à tarde, apenas. É fato que o trabalho com grupos menores é mais produtivo, por possibilitar uma atenção mais individualizada, mas, devido ao alto número de faltantes, eu acabava tendo que repetir a oficina e para quem havia comparecido isto era enfadonho, além de ser injusto.

A observação de Anderson, sobre o que acontece quando se desobedece a uma autoridade (no caso, o patrão), reflete a questão do poder. Ao fazer a relação com a liberdade de expressão e apresentar o *blog* como meio para burlar certas imposições sociais consegui discutir um pouco a subversão, fundamental no processo de empoderamento.

Oficina III

Dia: 22/01

Horário: 14h às 17h30

Número de alunos: 17 alunos

Quando cheguei fiquei surpresa com número de alunos que aguardava para fazer a oficina. Além dos já inscritos estavam, Marlon, Jonas e Fábio.

Contei aos que tinham faltado o que fizemos na oficina anterior e também que havia criado um *blog*, o Sonora Rede, para comentar sobre a nossa experiência na cooperativa.

Ao abrirem a página, muitos “uau”, “loco”. Havia colocado uma foto minha, para dar a idéia do quanto pode ser personalizado. Ensinei ao grupo como inserir um comentário e foi interessante notar as reações de felicidade ao verem suas palavras publicadas. Também publiquei um questionário sobre gêneros musicais, no qual havia uma lista para que o leitor escolhesse seu predileto. Pedi que eles comentassem o que estava faltando e vieram estilos que não fazem parte do meu repertório, como *gospel*, *axé*, *brega*, *sertanejo*, *heavy metal* etc.

Depois partimos para a criação dos blogs individuais. Este processo demanda a definição de um tema, de um endereço na internet, de um título, de um nome de tela²¹, enfim de uma identidade.

Dos 14 blogs criados 13 tiveram como tema a música e títulos e endereços virtuais que remetiam a algum estilo musical. Outros três alunos não conseguiram criar seus blogs, tanto pela dificuldade em relação aos protocolos quanto por problemas técnicos (a lentidão da rede e quedas constantes do sistema).

Uma das maiores dificuldades, notadas já neste início, é a diferença entre os tempos de aprendizagem de cada um. Enquanto alguns, como Marlon, pela primeira vez na oficina, já descobriram como mudar o *layout* de seus *blogs* sozinhos, outros não conseguiram ainda criar o *e-mail*. Não por coincidência, os que aprendem mais rápido são aqueles que têm mais possibilidades de acesso, seja por sua condição financeira ou por ter algum familiar próximo que possui computador.

Ao perceber que alguns alunos já tinha terminado a tarefa, pedia que eles auxiliassem os que ainda não haviam conseguido. Foi uma forma de trabalhar a cooperação e tornar o processo mais ágil. Precisávamos que todos aprendessem para ir adiante à próxima etapa.

Anderson, uma das pessoas mais desvoltas do grupo, tem muita dificuldade e raiva por não conseguir executar as tarefas. Ele, literalmente, xinga o computador e neste dia, tinha lágrimas nos olhos. Tivemos uma conversa. Disse a ele que aquela dificuldade e aquela ansiedade eram normais e só estavam ocorrendo porque aquela era ainda nossa terceira oficina. Expliquei que era preciso um pouquinho de paciência.

(Mônica) – Sabe, Anderson, quando eu me formei em jornalismo não tinha computador na minha faculdade. Eu fiz um curso de uma semana, numa turma com umas 50 pessoas e arrumei emprego numa mega-editora. Meu trabalho era escrever textos para *CD-ROM*. Você sabe o que é isso?

(Anderson) – Não.

(Mônica) – Eu também não sabia. E *login*? Meu primeiro dia de trabalho meu chefe pediu para eu fazer o *login*, eu nem imaginava o que era *login*.

Risos.

(Anderson) – E como é que tu saiu dessa, Mônica?

²¹ Nome com o qual o usuário administrador do *blog* assinará suas postagens (publicações).

(Mônica) – Eu virei pro meu colega, que sentava do meu lado e falei “não tô conseguindo fazer o *login*, você me ajuda?”. E ele foi lá e me deu todas as coordenadas.

Risos.

(Anderson) - Bah, tri malandra!

(Mônica) – Você acha que eu sou mais malandra que você? Fala sério! Olha só, vamos combinar uma coisa: você vai lá no telecentro esta semana e vai tentar fazer seu *blog* sozinho. Tudo que empatar você anota, se não rolar a gente pega ponto por ponto das tuas anotações e esclarecer aqui na oficina, certo?

Ficou claro como a deficiência no processo de alfabetização dessas pessoas é limitador. Mesmo sem conhecer o vocabulário digital, uma pessoa plenamente alfabetizada consegue fazer inferências, interpretações e sente-se segura para arriscar. Para um alfabetizado nível básico ou para um analfabeto funcional, porém, este novo vocabulário, estas novas funções impõe situações-limite. Aqui deve entrar em vigor o processo “amoroso” da educação, ao qual Paulo Freire se refere em toda sua literatura. É preciso colocar-se diante do educando em pé de igualdade, como ser humano que também tem dificuldades, limites e que confia na parceria do outro para superar a situação.

Oficina IV

Data: 24/01

Horário: 14h às 17h50

Número de alunos: 12 alunos

Esta oficina era do meu colega Pedro, que eu decidi começar a acompanhar para, posteriormente, começar a usar o conteúdo na produção dos blogs. Neste dia ele relatou que estava dando um reforço na parte de decodificação da linguagem digital, pois estava percebendo que os alunos não distinguiam e-mail de site, site de

blog, e ainda, por não haverem anotado seus endereços virtuais, alguns tinham se esquecido seus endereços eletrônico e tiveram que fazer outras contas.

Ajudei-o na tarefa. Anita, nova aluna, mandou-me o seguinte e-mail:

“hoje é o meu primeiro dia aqui, eu não tinha email , hoje consegui.”

Oficina IV

Dia: 29/01

Horário: 14 às 17h30

Número de alunos: 15

Começo a oficina explicando que, uma vez registrados nossos blogs, é hora de começar a “postar”, isto é, publicar textos, vídeos, músicas e retomo a importância da autoria.

- Se eu posso entrar no *site* dos Racionais e ler uma entrevista do Brown, para que eu vou entrar num *blog* de outra pessoa para ler a mesma entrevista?

Silêncio.

Marcos arrisca.

- Sei lá, pode ter outras coisas legais no *blog* da pessoa...

- É pode ter, por exemplo, a opinião da pessoa sobre a entrevista ou a gente pode saber porque essa pessoa gosta de “blogar”. Então, o que vocês acham de apresentar o *blog*, dizer por que vocês criaram este *blog*?

Ouçó vários “legal”. Na hora de escrever, porém, começam as dificuldades, que deixam claro de alguma forma que a empolgação de criar um *blog* ainda é maior que a compreensão do que seja um *blog* e pior, de que escrever é também uma grande dificuldade dos alunos, não desconhecida por mim, mas o nível de gravidade da situação sim.

O aluno Marcos está aflito.

(Marcos) - E agora, o que eu escrevo, sôra?

(Mônica) - Pode escrever sobre você, contar um pouquinho da tua história...

Você nasceu aqui em Porto Alegre?

(Marcos) - Nasci.

(Mônica) - Que ano?

(Marcos) - 92.

(Mônica) - Que será que rolou em 1992?

(Marcos) - Como assim?

(Mônica) - Assim, no ano que eu nasci o Brasil ganhou um jogasso na copa e meu pai comprou meu enxoval com a grana de um bolão que ele tinha entrado.

(Marcos) - Que ano foi?

(Mônica) - 74.

(Marcos) - Bah! Quando eu nasci o Inter ganhou o Gauchão.

(Mônica) - Tá zuando!

(Marcos) - Bah, sôra, tô falando sério, isso eu sei. O Inter ganhou o campeonato naquele ano.

(Mônica) - Pô cara, você deu sorte pro Inter, coloca isso aí.

Marcos escreve exatamente o que acabara de em contar, mas não consegue postar por quedas consecutivas na rede.

Mais uma vez, percebo que o maior problema ali não é exclusão digital, mas a dificuldade de se expressar em língua portuguesa, interpretar um texto, ler, e pergunto: se o objetivo da cooperativa é oferecer oficinas de informática para inserir os alunos no mercado de trabalho, qual mercado seria capaz de absorvê-los? Ainda, até onde o *blog* poderia auxiliar neste processo?

Saí em desespero desta oficina: pensei que sem conseguir escrever os alunos desistiriam em breve, não sentiriam prazer naquilo. Retomei a leitura de Infância, de Graciliano Ramos, na qual o autor relata que começou a se alfabetizar aos 9 anos de idade, porque não gostava de nada que lia na escola. Meu medo de ter um Graciliano na turma e não conseguir despertá-lo... Procurei alguns professores da rede municipal, meus colegas, para pedir ajuda, mas fui prejudicada pelo período de férias. Em pleno verão de janeiro, todos estavam viajando.

Oficina V

Data: 12/02

Horário: 14 às 17h30

Número de alunos: 14 alunos

Foi meu primeiro encontro com a turma desde o feriado de carnaval.

Comecei a oficina retomando a importância de trabalharmos cooperativamente, por isso era necessário saber o que eles estavam achando do conteúdo e do ritmo das oficinas de modo geral. Um aluno comentou que “só não gostava das oficinas de informática” (referindo-se a oficina de informática básica, que não envolve navegação na internet).

- E o *blog*? Vocês estão gostando? Podemos mudar o conteúdo, o ritmo, podemos continuar como está. O que vocês acham?

Vou perguntando um por um, todos confirmam que estão gostando até que o aluno Marcelo fala:

- Não vai ter *Orkut*?

(Anderson) - É Mônica, a gente queria *Orkut* e *MSN*, por caso qui (sic) só tem a reciclagem, o lixão pra gente usar (risos).

O aluno está se referindo ao Centro de Educação Ambiental (CEA) que dispõe de alguns computadores para uso da comunidade, mas há restrição de horários. Digo que vou levar a reivindicação a coordenadora do CE e pergunto: “e o *blog*, a gente já viu várias funções, vocês têm preferência por alguma?”.

Rodrigo imediatamente responde:

- Eu queria aprender a postar vídeos e músicas.

Todos, mesmo os mais tímidos, reiteram o que Rodrigo acaba de reivindicar. Combino que faremos isto na próxima oficina porque eu tenho que estudar um pouco estes recursos. Eles riem como se eu não falasse sério.

(Mônica) – É sério, gente. Eu tô aprendendo muitas coisas e vídeo ainda não sei como fazer, mas na próxima oficina, prometo!

Trabalhamos a inserção de *links* nos textos, isto é, como remeter o leitor de nosso *blog* para outra página por meio de um comando, um *click* dado sobre uma palavra do nosso texto, que vai complementar as informações que estamos “postando”.

Disse que o *link* era como um caminho curtinho para a gente chegar num lugar distante, como quando a gente entra por uma viela para corta caminho.

Enquanto explicava fui interrompida pelo monitor de informática, que julgou inadequada minha explicação, disse que “não era bem aquilo, era uma coisa um pouco mais complexa”.

Pedi então que ele explicasse e ao fim da explicação o aluno Rodrigo:

- Não entendi nada!

A tarefa não empolgou muito, até porque o trabalho sobre o texto, pelas limitações já citadas, não provoca muito interesse.

Se tivesse idéia do interesse que o *Orkut* causava teria me dedicado nas próximas oficinas à organização desta reivindicação junto à coordenação. Acabei tomando a frente, encaminhando a carta que pedia a liberação dos *softwares* e justificando junto a SMED o pedido. Perdi uma oportunidade de tanto de estimular a mobilização, quando de auxiliá-los na elaboração de suas reivindicações.

Oficina VI

Data: 19/02

Número de alunos: 16

Movida pelas inquietações a respeito do nível de alfabetização dos alunos, comecei a considerar urgente a definição de estratégias que os despertassem para a leitura e a escrita. Como a busca por parcerias não havia dado resultados, resolvi fazer uma investigação de temas que pudessem resultar em matérias jornalísticas.

Neste momento eu já tinha conhecimento que, tanto as oficinas de jornal, quanto as oficinas de informática básica provavelmente seriam interrompidas por falta de pagamento do monitor.

Iniciei o trabalho perguntando se o grupo lia jornal. A maioria respondeu que lia o Diário Gaúcho.

(Mônica) - Você vêem notícias da Bom Jesus?

(Rodrigo) - Só de crime.

(Mônica) - Só tem crime na Bom Jesus?

(Rodrigo) - Não, mas é só isso que aparece.

Enquanto conversamos o aluno Marcos comunica que vai dar uma busca no *Google* para ver se encontra algo diferente. A única notícia que encontra é sobre uma chacina ocorrida dias antes. Marcos fica visivelmente aborrecido. Pergunto:

- E aí Marcos?

(Marcos) - Bah, sôra, só achei essa porcaria ai, parece que só tem crime aqui.

(Mônica) - E não tem?

(Marcos) - Tem, mas não é só isso.

(Mônica) - Que é que tem mais, então?

(Marcos) - Ah, não sei. Eu não sou bandido, nem a gente aqui.

Aproveitei o gancho para perguntar se o jornal mostrava o que acontecia na vila. Ninguém respondeu.

Perguntei de novo. Marcos respondeu que não e Rodrigo:

- É e não é.

- É e não é o que, Rodrigo?

(Rodrigo) - É que rola mesmo os crimes, mas não é só isso, tem gente que trabalha, que estuda, que não tá envolvido com essas coisa (sic).

Com base nisto proponho que o grupo faça o retrato da juventude ali de acordo com os temas: lazer, trabalho, cultura e esportes.

Trabalhando com a hipótese de que a opinião seria negativa, queria verificar se eles conseguiriam enxergar uma possibilidade de intervenção naquela realidade por meio da ferramenta na qual estavam sendo capacitados (o *blog* como ferramenta de comunicação).

Pedi que se dividissem de acordo com os temas, distribuí papéis coloridos, e canetas para escreverem. Eles tiveram dificuldade de entender a proposta, então passei de grupo em grupo orientando o mapeamento. Quando concluída a tarefa usei um método de visualização²² para que discutíssemos os resultados.

Conforme imaginava o retrato foi péssimo e gerou um debate entre os alunos Anita e Anderson sobre o tema trabalho. Anderson sustentava que os jovens não trabalhavam por falta de interesse e Anita por falta de oportunidade, ambos concordavam que o desemprego dos jovens era um problema. Precisei acalmar os ânimos.

Sobre o tema lazer foram enfáticos ao relatar que ali não existia esta possibilidade, pois os poucos lugares que ofereciam este tipo de atividade não ofereciam segurança, caso do Campo Panamá, onde por vezes, ocorrem eventos culturais, mas “sempre acaba em tiro”.

²² Sistema baseado no uso de tarjetas (fichas) coloridas, nas quais os participantes registram suas idéias, pensamentos, de acordo com o tema proposto pelo mediador. As fichas são dispostas de forma que todos os participantes possam ver o que seus colegas produziram. (BROSE, 2001)

Rodrigo, do grupo “lazer”, diz que quando conhece alguém, fala que mora na Cidade Baixa, porque se revelar que é da “Bonja, eu queimo meu filme”.

Pergunto se o que vimos até ali de *blog* e de outras possibilidades de comunicação, como o e-mail, ajudaria a mudar a situação.

Silêncio absoluto.

Pergunto novamente.

Edson responde:

- Se fazer um abaixo assinado com todo mundo pra não ter vandalismo nos parques a gente pode mandar um e-mail pra prefeitura e pedir pra eles cuidarem.

(Anderson) - Vai ser um projeto social aqui.

(Mônica) - Por que não?

(Anderson) - Aí senti firmeza, o bagulho vai ser útil.

Neste dia o maior aprendizado foi meu. Primeiro percebi que o local não era adequado a este tipo de atividade por estar muito próximo dos computadores, que sempre geram ansiedade e dificultam a concentração. Depois, senti o quanto a mediação é difícil, sobretudo com um grupo tão grande. Se, por um lado, a dinâmica foi extremamente rica, por outro não me senti suficientemente hábil para argumentar de forma produtiva. Mesmo assim, foi importante verificar que, além das questões já conhecidas, como a precariedade em que vivem os jovens da Vila Bom Jesus, veio à tona a questão do estigma sentido²³ na fala de Rodrigo que, ao antecipar o sofrimento de discriminação, declara-se morador de outro bairro.

Oficina IX

Data: 04/03

Horário: 18h50 às 20h30

Número de alunos: 8

²³ “Estigma sentido é a percepção de depreciação e/ou exclusão pelo indivíduo portador de alguma característica ou condição socialmente desvalorizada, o que acarreta sentimentos prejudiciais como vergonha, medo, ansiedade, depressão”. (AYRES; FRANÇA; PAIVA, 2008)

Em função do início do ano letivo, as oficinas da cooperativa voltaram ao horário noturno. Houve uma queda significativa de público que, segundo os alunos presentes se deveria ao fato dos faltantes estudarem naquele horário.

Já havíamos dominado os recursos mais importantes do *blog* e o *Orkut* havia sido instalado. Era hora de começar a trabalhar o conteúdo de forma mais aprofundada.

Contei ao grupo que a coordenadora do CE queria criar um *blog* do projeto e eu achava que eles, muito mais que eu, tinham condições de fazer isso, pois eram moradores da Vila Bom Jesus, integrantes da cooperativa, detentores da identidade local. Ficaram animados com a idéia, mas começaram as dúvidas sobre como fazer.

Expliquei que havia um recurso no *blog* que permitia que eles escrevessem coletivamente e que nesta oficina poderíamos trabalhar isso, primeiro convidando nossos amigos, para colaborarem nos nossos *blogs*.

Começaria nesta fase uma complicada negociação de horários sobre o tempo de navegação livre na Internet. Tínhamos sempre meia hora ao final da oficina para isso, mas com o *Orkut* tivemos que reiterar a negociação constantemente. Depois de entenderem como funcionava o recurso de colaboração do *blog*, a próxima tarefa seria trocarem postagens entre eles, mas poucos fizeram o combinado.

A criação coletiva, assim como a cooperação, são maneiras de reforçar os laços entre o grupo, condição fundamental para o processo de empoderamento. Por outro lado ter um *blog* da cooperativa parecia um bom começo para começar a construir uma identidade de grupo.

Oficina X

Data: 06/03

Horário: 17h50 às 20h30

Número de alunos: 7

Comecei a oficina retomando a questão do *blog* coletivo e pedi que cada um postasse em seu blog idéias para a nova publicação, levando em consideração que eles seriam os responsáveis pela nova publicação. Depois discutiríamos como fazer.

Seguem abaixo “algumas” postagens:

[ideias para o blog](#)

Eu acho que para o blog ficar legal primairamente deveria ter a participação de todos os alunos do curso pois como diz o velho ditado: a união faz a força e eu acho que nós deveríamos procurar cursos, estágios, empregos pela internet e anunciar no blog para os jovens pois tem muitos jovens que entrão para as coisas erradas por falta de oportunidade e também ajudar a comunidade a melhorar dando informaçõs, ajudar os os que precisam de algum utilidade da internet e não tem como acessar, tentar promover eventos beneficentes para ajudar a comunidade no que esta faltando nela, enfim eu tenho muitas ideias mas isso é só um resumo dos planos que eu tenho na cabeça para divulgno blog coletivo.

[Blog coletivo](#)

No nosso blog coletivo nós podemos botar várias coisas como por exemplo,esportes,notícias que nós ficamos sabendo,podemos botar informações como acontece no nosso dia-a-dia,sobre o que nos fizemos e também fazer reportagens com os alunos que estudam de noite e os professores. Também podemos botar fotos nossas no nosso blog coletivo,botar fotos de cada um de nós também.

Pelas transcrições é possível visualizar algumas das dificuldades em relação à língua portuguesa citadas, anteriormente.

Estava dado o gancho para propor a criação de um webjornal pelos alunos. Seria a oportunidade de publicar notícias da Vila Bom Jesus sob a ótica dos alunos e colocar em prática leitura crítica que se vislumbrou no início do projeto e que é também recomendada por Thiollent e Freire.

Oficina XI

Data: 11/03

Horário: 18h50 as 20h30.

Número de alunos: 9

Com a volta às aulas na UFRGS, tivemos que reduzir nossa carga horária, de duas oficinas semanais para apenas uma, que seria dividida por mim e pelo Pedro. A vantagem de atuar em dupla é que podemos atender melhor os alunos e trocar experiências sobre nosso trabalho.

Como a maioria dos alunos havia manifestado interesse pela inclusão de notícias no *blog* coletivo, resolvi propor um exercício de redação. Nele os alunos teriam que construir um *lead*, primeiro parágrafo de uma notícia.

Preparei uma pequena apostila explicando o que era *lead* e usei, como exemplo, a notícia de um curta de metragem que havia sido exibido para eles pelo professor de Rádio. A idéia norteadora do meu trabalho sempre foi usar com temas próximos do grupo, de seu cotidiano.

Entregue as apostilas, fizemos um círculo, como de costume, e comecei a ler com eles e discutir os exemplos. O tema provocou o interesse, mas percebi que o texto estava confuso e meu *lead*, tanto quanto: faltava um item! Observei minha falha para o grupo.

Em seguida propus o exercício no qual cada aluno tentaria, a partir de um fato ocorrido no bairro, na escola ou com ele mesmo construir um *lead* e me enviar por e-mail para eu pudesse corrigir e discutir na próxima oficina.

Senti que a qualidade do material preparado estava ruim, apesar de todo o meu cuidado, percebi que até o meu colega, Pedro, ficou confuso com o tal do *lead*. Este cuidado, com a preparação do material literário é fundamental e aprendi que jamais pode ser feito às pressas.

Oficina XII

Data: 18/03

Horário: 18h50 as 20h30.

Número de alunos: 9

Neste dia trabalhei sozinha, pois havia acontecido um imprevisto com Pedro.

Dando seqüência ao exercício dos *leads*, parti para a correção, com o aporte de um multimídia emprestado pela escola. Pedi permissão para exibir a correção de cada *lead* no telão para que tivéssemos uma aprendizagem coletiva.

No escuro, alguns alunos aproveitaram para usar a Internet, o que me obrigou interromper várias vezes a atividade e a perceber que o exercício estava entediando a turma.

Num segundo momento, depois do intervalo, apresentei uma nova apostila, esta com alguns termos jornalísticos básicos que precisaríamos apreender para começarmos construir nossas pautas. Novamente, percebi o grupo desatento, entediado. Uma aluna entrava e saía, abria a porta, chamava colegas... Eu não podia prosseguir daquela maneira.

Primeiro, pedi a aluna que entrasse ou saísse de vez, mas que parasse de atrapalhar a oficina. Depois, ao tentar retomar com o grupo, senti que havia algo errado ali. Vi-me praticando o que Paulo Freire denomina “pedagogia bancária”, que consiste no simples depósito de conhecimento no outro. Não hesitei em parar, até porque, não tinha condições psicológicas para continuar.

Disse ao grupo que havia levado aquela proposta de trabalho para atender a demanda por notícias que o nosso *blog* deveria conter, mas, ao percebê-los entediados eu não sabia mais se estávamos seguindo pelo caminho certo.

(Mônica) - O único motivo que me traz até aqui é o tesão de fazer este trabalho (risos). Se vocês não tiverem tesão de fazer isso comigo, então não faz o menor sentido eu estar aqui, não faz o menor sentido a gente estar aqui. Eu não tô falando de sexo, eu tô falando de alegria, de vontade de fazer as coisas, de ficar com os olhos brilhando só de pensar. É desse tesão que eu tô falando! Então, meus camaradinhas, se vocês mudaram de idéia sobre o webjornal, se quiserem aprender outras coisas que vocês consideram mais importantes, estou totalmente aberta a propostas, de verdade. Não tô fazendo draminha, não vou ficar chateada, este espaço é nosso. Vou sair, tomar um cafezinho e volto daqui uns 15 minutos, enquanto isso vocês conversam. Discutam se é isso mesmo que vocês querem e me digam.

Quando voltei, o aluno Anderson, em nome do grupo, comunicou que eles haviam decidido prosseguir com a idéia do webjornal:

(Anderson) - É isso mesmo que a gente quer, Mônica. Desculpa aí, pela galinhagem, mas é que nem todo mundo a fim de fazer alguma coisa útil, tá ligada? Tem gente que só quer jogar, não quer aprender nada.

(Mônica) - Tá, Anderson, mas esta é a sua opinião ou é a opinião do grupo?

- É a opinião do grupo. Fala aí vocês, só eu que falo, disse voltando-se para o grupo.

(Marcos) - É, nós qué o jornal, sôra!

(Mônica) - Quem quer levanta a mão!

Todos levantam.

Prossigui a oficina com muitas dúvidas. O retorno do grupo não me convenceu, pois já temos uma relação de simpatia e penso que, por mais que eu tenha tentado deixar claro que eles têm autonomia para mudar o rumo das oficinas, não sei se não foi para me agradar ou por imaturidade neste tipo de relação, mais democrática. Também vivencio a tensão causada pelo computador, sobretudo com o *Orkut*. Os alunos ficam numa fissura para usar que atrapalha a concentração em qualquer outra coisa. Resolvi mudar

um pouco o esquema, partir para uma divisão mais interessante do tempo: eles determinariam quanto tempo nós necessitávamos para nossas atividades, inclusive para usar o *Orkut*.

Oficina XV

Data: 11/04

Horário: 19h45 as 20h15

Número de alunos: 10

Não foi propriamente uma oficina o que ocorreu neste dia: eu havia marcado uma reunião de pauta para definir as matérias de nosso futuro webjornal. Eu tinha um outro encontro na escola marcado para as 19h, então aproveitei para encontrar o grupo.

Quando cheguei, o aluno Marcelo já me aguardava e fez questão de mostrar o caderno: “Viu, eu não esqueci meu caderno pra escrever tudo...” Eu havia frisado que era importante o uso do caderno na reuniões de pauta, pois boas idéias poderiam se perder por falta de registro. Neste dia, a combinação era que o grupo trouxesse suas sugestões de pauta para o *blog* coletivo.

Enquanto esperávamos os outros, Marcelo disse que estava chateado porque queria escrever um livro. Perguntei: “Por que você não escreve o livro no seu *blog*?”. E ele respondeu: “Porque eu quero que os meus amigos leiam e eles não tem computador.”

Iniciamos nossa reunião às 19h46, com a falta de Rafael, apenas. A aluna Sabrina, parceira musical de Anderson em composições de *rap*, pediu para entrar no grupo e foi imediatamente aceita.

Perguntei quem tinha levado pauta. Anderson disse que Sabrina, ele e um outro colega que não era da do grupo estavam fazendo o *rap* da cooperativa. Marcos disse que ia entrevistar a banda do colega Rafael. Pedi que eles anotassem no caderno sobre o que iam falar em suas matérias, por que iam abordar aquele tema e o que eles gostariam de saber sobre o assunto.

Perguntei, provocativamente, que história era aquela de “470”. Todos responderam ao mesmo tempo que era o número do ônibus e que tinha até concurso “Garota 470”. Respondi que não acreditava que havia uma pauta tão boa

debaixo do nosso nariz. Minha observação empolgou o grupo, eles começaram então a contar sobre outros vários eventos criados sob a chancela “470”.

No fim, espontaneamente, Sabrina e Anderson resolveram fazer a reportagem sobre o concurso “Garota 470”. Anderson se encarregou de apurar os dados e Sabrina de entrevistar a vencedora de 2007.

Quando me preparava para encerrar a reunião Anderson perguntou; “tá Mônica, mas e os outros não vão fazer nada? A gente vai fazer o *rap*, o *blog* e ninguém vai fazer mais nada?”. Marcos imediatamente concordou e reiterou cobrando dos colegas.

Respondi que esta negociação deveria ocorrer entre o grupo, meu papel ali era de auxiliá-los a fazer o que eles estavam propondo e não de “mandar” as pessoas fazerem algo, embora concordasse que a participação de todos tornaria o trabalho mais interessante.

Depois de algumas provocações dos colegas as meninas do grupo, com exceção de Sabrina, decidiram fazer uma matéria sobre gravidez. Perguntei por quê.

(Jeniffer) – Têm várias amiga nossa grávida.

(Mônica) – Vocês têm alguma idéia do porquê isso acontece?

(Anderson) – Porque são trouxas.

(Mônica) – Quem?

(Anderson) – As mina, são trouxas.

(Mônica) – Os caras que fazem filho nelas não?

(Anderson) – São trouxas também.

(Mônica) – Por que?

(Anderson) - Ah, sei lá, Mônica. Pergunta pra elas que vão fazer a matéria, eu to fazendo meu *rap*.

(Mônica) – Meninas?

(Sabrina) – Eu acho que elas não se cuidam.

(Mônica) – Então, seria legal vocês descobrirem por que elas não se cuidam. Será que elas não se cuidam porque não tem grana pra comprar camisinha, ou são os caras que não querem usar?

(Jeniffer) – Vou perguntar para minha amiga, sôra.

Combinamos que na terça eles iriam levar esse pré-planejamento de pauta pronto para definirmos nosso roteiro de trabalho.

O comentário de Marcelo remeteu à necessidade de considerar a dimensão econômica do empoderamento. Ele estava sendo capacitado numa ferramenta a qual os amigos não têm acesso.

Embora nem todo o grupo tenha trazido pautas, fiquei feliz por terem comparecido a reunião: se não se organizaram para produzir, pelo menos, tiveram interesse em se inteirarem do que estava acontecendo.

Oficina XVI

Data: 15/04

Horário: 18h50 as 20h30

Número de alunos: 10

Neste dia eu iniciei a oficina dizendo que ia sair mais cedo, portanto queria apenas fazer algumas combinações com o grupo a respeito das atividades que estavam em andamento. Pedi que os alunos se dispusessem em círculo para conversarmos.

Primeiro mostrei o jornal Boca de Rua e perguntei se alguém conhecia. A aluna Sabrina disse que “já tinha ouvido falar”. Expliquei que era feito por moradores de rua e que ali eles encontrariam pautas bem diferentes do que víamos nos jornais convencionais e dali, talvez, pudessem surgir idéias para o jornal da cooperativa. Em seguida propus que a próxima oficina fosse organizada pelo grupo, partindo do pressuposto que já temos atividades definidas e que uma delas tem data marcada. Estava me referindo a Oficina de *Blog* para Professores e a apresentação do *blog* coletivo, marcada para 8 de maio (planejadas desde a implantação do projeto).

Também afirmei que do meu ponto de vista o grupo já tinha condições de elaborar as duas atividades e que, embora pudessem surgir dúvidas sobre os recursos ou mesmo sobre a produção da oficina, Pedro e eu estaríamos disponíveis para auxiliar o trabalho. Perguntei se o grupo concordava com minha afirmação e todos responderam afirmativamente, mesmo os que ainda não dominam a ferramenta “*blog*”. Como as propostas das atividades tinham partido de mim, retomei a liberdade que o grupo tinha para reavaliar sua participação e decidir sobre ir ou não adiante com ela ou mesmo elaborar outra.

Anderson afirmou que este planejamento só poderia ser feito na próxima sexta, já que “o professor de rádio não vai dar espaço da aula dele pra gente usar a informática”. Perguntei se ele já havia falado com o professor sobre isso e se o grupo teria disponibilidade num outro dia. Disse, ainda, que eles poderiam negociar o uso em dias alternativos diretamente com a coordenadora do projeto e que tinham meu e-mail para me consultarem, caso achassem necessária minha presença.

Marcos me perguntou se a apresentação e a oficina para professores teriam que acontecer no mesmo dia. Respondi que isto poderia ser definido por eles, contanto que fosse numa quarta-feira, pois este seria o único dia da semana que os professores do EJA poderiam participar.

Combinei que para a próxima oficina eu iria “lisa”, sem planejar. Seguiria o planejamento deles sobre as atividades do dia. No final, perguntei quem concordava em trabalhar assim, sob sua própria organização e todos balançaram a cabeça que sim.

Antes de me despedir, Anderson pediu ajuda para “arrumar” o *blog* dele, que estava “xarope”. Estava se referindo a alguns ajustes no *layout*. O grupo ficou com Pedro.

Se passei muito tempo preocupando-me com a didática das oficinas, quando comecei a escrever o projeto e retomar os conceitos de empoderamento, percebi que o poder não havia entrado em pauta. Por mais que tenha se estabelecido uma relação dialógica e mesmo afetiva com o grupo, o poder ainda estava comigo. Por isso senti necessidade de romper com aquela lógica, mesmo conhecendo os riscos de minha iniciativa.

Oficina XVII

Data: 22/04

Horário: 18h50 as 20h30

Número de alunos: 11

Partindo da combinação com o grupo na oficina anterior, de que eles organizariam a oficina deste dia, definindo o tempo para cada atividade, assim como

as prioridades, cheguei com disposição para não realizar qualquer tarefa que não fosse proposta por eles, cancelando a oficina daquele dia, se necessário.

Antes de me reunir com a turma fui interceptada por um membro do CE que me aguardava para saber o que havíamos programado para o dia 08/05, data de apresentação do *blog* da cooperativa aos professores do EJA. Conteí a ele que havia desafiado o grupo e que apresentaríamos o que eles fossem capazes de produzir. A notícia foi recebida com preocupação: “Preciso ter certeza de que teremos algo de qualidade para mostrar, porque se for pra apresentar uma coisa mal feita eu não vou chamar os professores”, disse. Concordei com ele, mas o alertei que o nosso padrão de qualidade é diferente do grupo e que se considerássemos que eles mal sabiam ligar o computador até o início das oficinas, veríamos que já tinham produzido muito e que na pior das hipóteses, havia os *blogs* individuais para apresentarmos.

O membro da cooperativa se propôs então a “dar uma reforçada” sobre o compromisso do dia 08/05. Em tom de cobrança, disse aos alunos que o trabalho ali era sério, que era uma cooperativa de comunicação e o objetivo não era o uso do *Orkut*. Que eles tinham assumido um compromisso com a “professora Mônica e com o professor Pedro” que ele esperava que fosse cumprido com seriedade. O grupo ouviu calado.

A fala frustrou as minhas expectativas de tal maneira que fiquei muda, procurando em minha cabeça a expressão que não o desautorizasse, nem provocasse no grupo uma reação ao que Freire trata por “sloganização”. Segundo o autor:

O que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos, é o conteúdo do diálogo. Substituí-lo pelo antidiálogo, pela sloganização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos da “domesticação”. Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em massa de manobra. (FREIRE, 1987, pág. 52).

Sensível a situação, o aluno Anderson disse “Fala aí, Mônica! Se é que dá pra falar alguma coisa depois disso, né?”. Então falei:

- Pessoal, eu queria esclarecer que quando marquei a data da apresentação eu imaginava que vocês estariam preparados para fazer isso, mas se nós avaliarmos que não dá, a gente revê isso. O professor (membro da cooperativa) está preocupado em apresentar um bom trabalho para a escola e eu tenho certeza que vocês têm condições para isso, resta saber se estes dois encontros que temos até lá são suficientes. Qual foi nossa combinação para hoje?

(Jeniffer) - Que a gente que ia trazer as coisa.

(Sabrina) - É, a gente ia dizer o que nós fizemos e a senhora ia juntar, corrigir, sei lá.

(Mônica) - E aí, vocês trouxeram? Organizaram a oficina para hoje?

Silêncio.

(Mônica) - Pessoal, eu queria lembrar algumas coisas: primeiro eu estou aqui como pesquisadora, não como professora. O meu objetivo de pesquisa, como a gente já conversou, é auxiliar vocês a desenvolverem a autonomia. Quem sabe o que é autonomia?

Vários “num sei” ecoam pela sala.

(Mônica) - E trabalhador autônomo? Quando a gente diz “ah, o fulano é autônomo”?

(Sabrina) - É quando a pessoa trabalha por conta, como se diz... ah, tipo camelô, sôra.

(Mônica) - Ah! E o camelô tem um patrão que diz que hora que ele tem que acordar, que hora passa o 470, que hora ele tem que montar a banca dele lá na Praça XV...

Sabrina interrompe, rindo:

- Lógico que não, sôra! Ele que se organiza.

(Mônica) - Lindo! É isso aí, o autônomo se organiza. Então, quando esse grupo vai ser autônomo?

(Anderson) - Quando todo mundo participar, né Mônica? Não adianta um só se organizar e o resto ficar olhando, porque é isso que acontece. Todo mundo sabe o que tem que fazer, mas ninguém faz, não é não? Duvido que alguém trouxe alguma coisa, ninguém nem pensou, se qué saber!

(Mônica) - E aí gente?

(Anderson) - Eu tô fazendo meu *rap*, num trouxe porque ainda num tá pronto, falta o Pedro aí trazer os lances pra gente gravar.

(Sabrina)- Eu queria fazer a matéria do 470, sôra!

(Marcos) - Eu vou fazer a entrevista com a banda do cara, aí (aponta para Rafael).

(Rafael) - Eu vou fazer aquilo que eu falei, lá, do Dolo. Do futebol, lá que eu falei!

(Mônica) - Galera, tudo que vocês estão falando a gente falou na nossa reunião de pauta. Só tem um detalhe: o que vocês querem fazer não vai aparecer lá no *blog* por geração espontânea, não vai brotar uma matéria show de bola sobre o 470, se alguém não for lá fazer a reportagem, ou vai (risos)? Tô falando sério! Vocês estão acompanhando o Caso Isabella?

(Marcos) - Bah, sôra, os pais tinha que ser enforcado.

(Mônica) - Tá galera, não quero discutir o crime. Eu quero saber como que vocês acham que a gente consegue saber tantos detalhes do crime?

(Marcos) - Porque a polícia tá investigando!

(Mônica) - Ok, Marcos. Os Nardoni ligam lá na Globo e dizem: Ó, a polícia acabou de achar outra prova contra a gente. (Risos).

(Anderson) - Não, tem os repórter lá.

(Mônica) - Pois, é. Tem um repórter plantado na delegacia, outro na casa do avô da menina, outro na mãe. Tem um câmera com cada repórter, têm vários celulares tocando. Tem um processo chamado reportagem acontecendo. Se a gente quiser colocar notícias no nosso *blog* vai ter que rolar uma reportagem. Agora, só uma coisinha, antes de encerrar a nossa conversa: por que será que a mídia tá dando cobertura pra esse caso?

(Anderson) - Porque ela era branca.

(Marcos) - Porque ela branca e rica.

(Marcelo) – Só porque ela era morava em São Paulo.

(Marcos) - É porque ela era branca, rica e morava em São Paulo.

(Sabrina) - Isso é mesmo, sôra. Sabe que dois dias depois da morte da Isabella dois primos meus foram afogados no Guaíba e saiu só uma materinha no Diário Gaúcho e ninguém sabe se eles se afogaram ou se foi alguém que afogou eles.

(Marcelo) - Ih, morre criança direto aqui na Bonja e ninguém liga.

(Mônica) - Olha, isso que vocês estão trazendo pode ser transformado num artigo. Vocês lembram o que é um artigo?

Em coro, “Não”!

(Mônica) - É um texto que tem a opinião da pessoa que escreve, certo? Vocês podem comparar como os dois casos foram tratados pelo jornal e colocar por que vocês acham que isso acontece. E então, o que vocês me dizem sobre o dia 08? Vamos fazer ou não?

- Vamo, o grupo responde em coro.

Depois da conversa lancei uma série de perguntas para orientar a construção das pautas, entre elas, a data de entrega, que cada um deveria indicar conforme sua disponibilidade.

A partir de uma provocação, que podia se esgotar no tédio sobre os excessos da mídia no caso Isabella, o que se vê é o questionamento da cultura dominante, como citado por Freire. Emergem ao mesmo tempo questões de etnia, de classe social e de territorialização da cultura. Sobre este último aspecto, será que a referência vem por conta da alta difusão das culturas de São Paulo e Rio de Janeiro, pela televisão? Interessante notar, que apesar de todo o bombardeio da mídia sobre a crueldade do crime, ninguém citou o fato em si como motivo para a superexposição do caso.

Eu poderia ter aprofundado o diálogo, mas já estávamos na hora do intervalo.

Oficina XVIII

Data: 29/04

Horário: 18h50 as 20h30

Número de alunos: 11

Quando subia as escadas em direção ao laboratório sala de informática, fui abordada por Marcos, que me entregou o roteiro de perguntas que pretendia fazer com a banda de Rafael.

Em seguida, chegou Sabrina com seu artigo manuscrito e os recortes das reportagens publicadas pelo Diário Gaúcho sobre o caso Isabella e o “caso Pablo e Andrius”, como a aluna chamou o evento da morte dos primos.

Sabrina havia agendado uma entrevista com a avó dos meninos e perguntou se eu podia providenciar um local para isso e ainda, se podia gravar a entrevista com seu celular. Aloquei aluna e entrevistada na sala da rádio.

Chamou-se a atenção o fato de Sabrina gravar a entrevista com uma locução radiofônica. Ela começou: “Boa noite! Estamos aqui para falar...” Dona Maria, a entrevistada, trouxe detalhes comoventes sobre o caso, como o fato dos corpos só poderem ser enterrados três dias após a morte, por falta de recursos da família. “Não conseguimos nem colocar as roupinhas deles, porque os corpo já tava apodrecendo. “Depois que reconhece, eles não deixam mais na geladeira, bota pro corredor e fica lá até a gente tirar, mas nós não tinha dinheiro e deu trabalho pra juntar, viu?”, disse a avó.

Apesar da tristeza dos fatos, dona Maria estava visivelmente satisfeita por falar e comentou: “Isso vai sair na internet, né? A gente não tem dinheiro pra fazer nada, mas pelo menos as pessoa ficam sabendo que nós não engolimo essa história”.

Após a entrevista voltamos ao laboratório de informática. Eu seu *blog*, Sabrina intitularia o post de “Eu e essa minha mania de justiça”. Ao mostrar-me os recortes de jornal a aluna comentou: “ Ce vê, sôra, até a cor da foto é diferente...” Ela se referia ao fato da matéria sobre Isabella ser em cores e sobre Pablo e Andrius ser preto-e-branco.

Em outro ritmo, as alunas Jeniffer e Diandra estavam no Orkut trocando mensagens com colegas e usando várias gírias que eu não conhecia. Perguntei, “como é esta história de piriguete, Didi?” A menina caiu na risada e respondeu, “é quando a guria tá solteira, pegando qualquer coisa”. Sabrina completou: “É que nem “na pista pra negócio” que a senhora queria saber outro dia, sôra”. Rimos muito com a conversa, Diandra se empolgou e começou a fazer uma lista de gírias.

(Mônica) - Pronto, Didi, você não sabia o que postar, taí: faz uma lista com as gírias da Bonja pra quem não tá ligado dos esquemas, tipo eu, disse a ela.

(Diandra) - Sério?

(Mônica) - Seríssimo, começa já e a Jeniffer ajuda.

(Diandra) - Mas a gente vai colocar isso no Blog da Bonja, pra todo mundo ler?

(Mônica) - Lógico, aí as pessoas que não que não dominam o “dialeto” vão conseguir se localizar aqui na Bonja (risos).

Usei a palavra dialeto para fazer alusão a uma música dos Racionais MCs, no qual eles zombam de seus fãs de classe média, que se referem às gírias como dialeto.

Receberia, depois de encerrado o projeto, um e-mail de Jeniffer, no qual ela dizia:

“Eu aprendi a fazer *blog* e com os trabalhos dela (Mônica) eu aprendi a dar valor as coisas que não são comentadas...” Creio que ela se referia ao episódio das gírias.

Neste dia coloquei para o grupo que havia ocorrido uma falha de comunicação entre a coordenadora do CE e eu e, enquanto eu imaginava que no dia 08 apresentaríamos apenas o Blog da Bonja, ela esperava que fizéssemos uma oficina de *blog* com os professores, como já havíamos comentado.

Perguntei se o grupo topava e disse que poderíamos tanto fazer no dia 08/05 como no dia 14/05. Como todos toparam fazer a oficina propus uma votação sobre a data e o dia 14/05 foi escolhido por unanimidade.

A maneira como me apropriei da linguagem do grupo foi um ponto positivo para o relacionamento. Da mesma maneira que chamava a atenção para a importância do uso correto do português entrei no universo das gírias, o que nos colocou, de certa forma, em pé de igualdade nos diálogos.

Oficina XX

Data: 13/05

Horário: 18h50 as 20h30

Número de alunos: 9

Eu não havia comparecido a oficina do dia 06, que foi ministrada pelo Pedro, então soube que Anderson havia produzido uma entrevista com um grupo de *rap* da “Bonja” e que ele, Sabrina e Paulo haviam composto o *rap* da cooperativa para apresentar na oficina para professores.

Pedro levou seu estúdio para lá, para gravar o *rap* com a base, mas por problemas técnicos, tiveram que adiar a empreitada para o dia seguinte.

Aproveitei para retomar a construção de um *blog* com eles. Pedi que cada um criasse um *blog* e tentasse, baseado em sua experiência, imaginar quais dúvidas os professores poderiam ter durante o processo e anotasse.

Pedro havia feito um roteiro para facilitar a ação. A maioria do grupo de concentrou na atividade, com exceção de Marcelo e Paulo, que são fissurados por jogos de computador. Esta foi uma dificuldade que sempre tivemos, apesar de destinarmos, no mínimo, 30 minutos para a navegação livre, eles sempre entraram nos joguinhos.

No final retomei a importância de cumprimento do horário par ao dia seguinte e da higiene:

(Mônica) - Amanhã vocês vão ficar colados com os professores, vocês vão ensiná-los a fazer um *blog*, uma coisa nova para eles. Ninguém consegue se concentrar e aprender alguma coisa com uma catanga no nariz, consegue? Com cheirão de asa, chulé?

Muitos risos.

(Mônica) - Então, amanhã, não esqueçam de tomar aquele banhinho, passar desodorante, se não tiver, pega emprestado da irmã, da mãe e venham nos trinquês, certo?

Fazia algum tempo que eu queria dar esse toque sobre a higiene. Sei que chuveiro com água quente nem sempre é possível para estas pessoas, mas é importante sensibilizá-los para isso, até para que possam procurar uma alternativa.
--

Oficina XX

Data: 14/05

Horário: 18h50 as 20h30

Número de alunos: 8

A primeira percepção do dia foi que o toque sobre o banho tinha sido válido e chegou a ser engraçado: um dos alunos estava tão perfumado que o cheiro se sentia desde a escada que dá acesso ao laboratório. Percebi também que estavam mais arrumados que de costume, realmente preparados para uma apresentação.

A combinação era que teríamos uma hora para prepararmos o ambiente. Primeiro o professor de rádio, apresentaria locuções dos alunos e um curta metragem. Depois apresentaríamos o Blog da Bonja, os *blogs* dos alunos e o Rap da Cooperativa, que Pedro gravaria com os alunos. A finalização seria a oficina de blog, que os alunos ministrariam aos professores do EJA.

O evento começou com um atraso de 45 minutos, porque os professores estavam numa reunião que se estendeu. Devido ao atraso o *rap* não foi apresentado.

Depois de narrarmos o processo de criação dos *blogs* propusemos que os professores se posicionassem diante dos computadores e que cada aluno auxiliasse um ou dois deles, já que tínhamos 12 professores para 8 alunos.

A empolgação dos professores com a aprendizagem foi nítida e também dos alunos. Durante o trabalho apenas dois me pediram auxílio por conta de dificuldades quanto ao preenchimento do protocolo de criação do *blog*.

Num clima festivo os professores chamavam os colegas para olharem seus *blogs*. Os mais avançados já postavam músicas e vídeos e vi se repetir a mesma cena das oficinas com os alunos ao primeiro contato com o site I-Jigg²⁴: formar-se uma rodinha em volta do computador para ouvir uma música localizada na *web*.

Ao som de “All you need is love”, dos Beatles, fui obrigada a encerrar a oficina, pois já passava das 21h e nossa atividade estava programada até às 20h30 min. Por um lado me preocupava com os alunos, que tinham horário para chegar em casa e por outro, comigo mesma, que ia retornar de ônibus para casa e estava sensibilizada com um tiroteio acontecido no bairro, no dia anterior.

Nem professores, nem alunos queriam parar a atividade. Diandra, que iniciou as oficinas já com o trabalho em andamento, veio dizer tinha conseguido fazer o *blog* do professor dela:

- Viu, eu consegui fazer o *blog*, sôra, eu consegui, eu consegui!

No encerramento, o professor Marcos Mello (orientando de Diandra), coordenador do EJA, agradeceu aos alunos pela disponibilidade de terem passado a eles aquele conhecimento.

²⁴ Site distribuidor de música: www.ijigg.com. É possível importar músicas do *site* para os *blogs*.

Eu não cabia em mim de tanta felicidade, a mesma de Diandra. Vi, não só que ela havia conseguido, mas que estava se sentindo valorizada pelo seu feito. Vi que todos nós estávamos ali cumprindo um compromisso assumido conjuntamente e mais, estávamos alegres e satisfeitos com nossa ação. A autonomia dos alunos ao ensinarem foi o maior indicador de empoderamento que tivemos durante todo o projeto.

Oficina XXI

Data: 19/05

Horário: 18h50 as 20h30

Número de alunos: 10

Pedi que os alunos se dispusessem em círculo.

(Mônica) - Pessoal, como vocês sabem, hoje é meu último dia aqui e eu queria que a gente avaliasse junto esse tempo, esse trabalho que foi feito aqui nesses cinco meses de convivência. Eu vou pedir para cada um dizer uma palavrinha sobre sua experiência: o que achou, o que gostou, o que não gostou, no que pretende usar esses conhecimentos, se pretende usar, enfim, por quem começamos?

Começou aquele empurra, empurra: “começa pelo fulano, não pelo sicrano”.

(Mônica) - Começa Edson, você que esta dando a honra de sua visita, depois de tanto tempo (Edson e Rodrigo desistiram das oficinas de informática para fazer outro, de marcenaria, no mesmo horário, remunerado).

(Edson) - Eu gostei muito de aprender fazer o *blog* e eu pretendo usar no futuro.

(Andressa) - Eu gostei, no começo eu achava meio chato por causa que eu não sabia muito pra que servia o *blog*, mas agora eu tô usando até na escola, pra fazer meu trabalhos e também por causa que eu era muito tímida, a sôra sabe (referindo-se a coordenadora do CE), agora eu tô me abrindo mais.

(Marcos) - Foi importante ensinar os professor porque é uma ferramenta²⁵ que dá pra postar vídeo, músicas. Dá pra colocar o que a gente gosta ali.

²⁵

Note-se a apropriação do vocabulário técnico pelo aluno.

(Sabrina) - Eu achei importante porque eu nem sabia o que era *blog*, nem nunca tinha ouvido falar, agora eu tenho meu espaço para colocar as coisas que eu gosto.

(Jeniffer) - Eu gostei de postar minhas músicas e meus vídeos que eu gosto.

(Rodrigo) – Eu gostei de postar vídeo, de postar música, gostei de tudo que a gente fez.

(Anderson) - Eu gostei de tudo que eu aprendi, de colocar música, vídeo, mas o que eu mais gostei foi de fazer a oficina dos professores, porque eu nunca imaginei que eu pudesse ensinar alguma coisa pra alguém. Eu tô acostumado a ser aluno eu nunca em imaginei sendo professor, ainda mais de outro professor, bah!

Neste dia Marcelo, Paulo e Ronildo não quiseram falar, reproduzindo um comportamento comum em nossas reuniões.

No final, agradei pela oportunidade de desenvolver aquele trabalho com eles e disse o quanto foi importante e gratificante aquele período para mim. Disse também que aquele espaço era deles e que, sem a minha presença e a do Pedro, eles deviam pensar numa proposta para continuar usando o laboratório.

(Anderson) - Como assim, Mônica?

(Mônica) - Se vocês querem continuar vindo aqui, mexendo nos *blogs*, acessando o Orkut, alguém tem que se responsabilizar por abrir e fechar a sala, contar os *mouses*, monitorar o grupo, fazer chamadas. Vocês podem eleger alguém do grupo, ou fazer um rodízio, cada um fica responsável por um dia. Talvez vocês possam fazer algum trabalho voluntário aqui na escola em troca de horas de uso, talvez até dando oficina de *blog* para os professores ou para outros alunos que queiram aprender.

(Marcos) - Legal, sôra!

(Anderson) – É, vamo ter que fazer um esquema assim.

Pedi que os alunos postassem no *blog* as impressões deles. Antes de concluirmos a tarefa, a coordenadora do CE nos convidou para outra reunião na sala da rádio. Ela havia preparado, junto com a direção, uma festa surpresa para mim e para o Pedro, que infelizmente não pôde ir aquele dia. A despedida foi calorosa. Os alunos Rodrigo e Anderson fizeram agradecimentos em nome da turma e a direção reiterou o pedido para que retomássemos o trabalho, quando possível.

A coordenadora do CE repetiu a pergunta feita por mim sobre a opinião dos alunos em relação as oficinas, estendendo a questão sobre as oficinas em geral.

Marcou-me a fala de Anderson. Segundo ele “as melhores oficinas foram as do Pedro e da Mônica. As outras também são legais, mas nas oficinas deles o conteúdo é jovem, a gente faz coisas que os jovens gostam. A gente posta música, posta vídeo, escreve, usa o *Orkut* e eles sempre tão preocupados no que a gente pensa”.

5. Avaliação da residência

5.1 Aproximação do quadro de metas

A avaliação é prática constante num projeto social. Começa com o diagnóstico, quando se avalia a possibilidade de intervenção, se desenvolve durante o projeto, quando se observa o cumprimento das atividades e é feita ainda após a execução do projeto, quando se avalia o impacto. O projeto Empoderamento na Rede teve como principais atividades:

- I. Inserir oficinas de produção musical em base digital e de criação de blogs no programa da Cooperativa de Comunicação Comunitária da Vila Bom Jesus.
- II. Estabelecer parceiras para o desenvolvimento das oficinas.
- III. Divulgar o projeto na comunidade.
- IV. Sensibilizar o público da Cooperativa de Comunicação Comunitária para participar das oficinas.
- V. Promover a produção de conteúdo musical pelos participantes das oficinas.
- VI. Promover a criação de *blogs* individuais e coletivos com o registro das atividades ocorridas durante o projeto e do conteúdo produzido pelos participantes da oficina.
- VII. Realizar uma mostra com apresentação dos resultados a comunidade.

A aprovação do projeto e a conseqüente inserção das oficinas de produção musical e criação de *blogs* ocorreram dentro do prazo, isto é, em setembro, antes do início das atividades da cooperativa. Neste momento também já haviam se firmado parcerias com a Faculdade de Informática da UFRGS, por meio de um de seus doutorandos e com o produtor Pedro Floriani, para as oficinas de produção musical.

A divulgação na comunidade, que tinha como meta 30 inscritos, frustrou as expectativas e levou a escola a fazer a refazê-la. Além dos moradores, foram inscritos também alguns alunos da EMEF Nossa Senhora de Fátima.

As oficinas de *blog* e produção musical estavam programadas para outubro, mas na avaliação do monitor de informática, compartilhada pela residente, era muito cedo para introduzir conteúdos mais complexos.

O cronograma então foi ajustado para iniciar em janeiro, primeiro com 3 encontros semanais, sendo dois para oficinas de *blog* e um para a produção musical. Em pouco tempo percebemos que os encontros estavam sendo excessivos e pouco produtivos. Com pouco tempo para planejar as oficinas, era difícil diversificar as propostas para atender a todos alunos com qualidade. Alunos com aprendizagem mais rápida se entediavam e passavam a aos joguinhos.

Como se tratava de minha primeira experiência comoicineira, também precisava de tempo para aprender a ensinar, e é neste ponto que a observação participante foi mais rica: com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de novas habilidades dos alunos, tive também que desenvolver novas habilidades.

Em fevereiro, reduzimos o número de oficinas, ao invés de três por semana, passamos a duas: uma que eu ministrava sozinha, outra com meu colega de residência, Pedro. O apoio à prática pedagógica veio dos estudos de Paulo Freire e do Caderno de Orientações Didáticas: Ler e Escrever Tecnologias na Educação, elaborado pela ONG Educarede e disposto na Internet para leitura. Assim, enquanto trazíamos os alunos para o mundo de possibilidades no Internet, era pela Internet que encontrávamos conteúdos valiosos para nossa formação.

Esta demanda por pesquisa e desenvolvimento de habilidades e materiais na área pedagógica, por outro lado, prejudicou uma das atividades previstas que era articulação de uma rede de profissionais voluntários para oficinas de produção musical e, principalmente textual. Um dos meus objetivos era contatar a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), que possui um “campus avançado” na Vila Bom Jesus. Esta proximidade acena para a possibilidade do estabelecimento de parcerias com amplas vantagens para ambas as instituições.

A capacitação dos jovens em produção musical não ocorreu, por motivos já narrados anteriormente. Em compensação as atividades relacionadas a criação dos *blogs*, foram desenvolvidas plenamente: os alunos aprenderam e ensinaram seus

professores, tiveram sua auto-estima elevada com a atividade e revelaram autonomia, ao assumir funções na cooperativa após o término do projeto.

A mostra de resultados a comunidade restringiu-se a comunidade escolar em baixa escala. Eis um ponto crítico no funcionamento da cooperativa: embora ela tenha surgido para atender a uma reivindicação comunitária, nota-se ainda um baixo nível de envolvimento comunitário no projeto.

O problema é reconhecido pela coordenação e pela equipe do projeto e está relacionado, entre outros fatores, a sustentabilidade financeira do CE. Este tem como única fonte de financiamento a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre (SMED). Parte da infra-estrutura necessária ao funcionamento do programa ainda não foi concebida por atraso na liberação de verbas, é o caso dos Núcleos de Rádio e Jornal, por exemplo.

A maioria das oficinas do CE é ministrada por professores, que dedicam parte de sua carga horária às atividades. Alguns núcleos, porém, como Esportes, Música e Informática, contam também com profissionais remunerados por meio de um convênio, firmado entre a SMED e a Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional (FECI). Até o mês de março de 2008, a SMED ainda não havia feito o repasse dos pagamentos dos oficinairos a FECI, o que ocasionou a saída de dois deles do projeto: o monitor de informática e um dos monitores de esportes.

O problema inibiu a atuação do programa Cidade Escola, que temia aumentar seu público e não reunir condições para manter o atendimento. Em reunião com a coordenadora do CE e com coordenador do EJA, um dos idealizadores do projeto, constatou-se ainda uma dificuldade relativa ao pleito de verbas, que legalmente não pode ocorrer sob o CNPJ da escola. Sendo assim, a questão da sustentabilidade apresenta-se como a mais pertinente no momento.

5.2 Avaliação da residência pelos alunos

Uma semana após o encerramento das oficinas, recebi de alguns alunos a avaliação por e-mail, conforme havia pedido em nosso penúltimo encontro.

Avaliação 1

Eu acho que a experiência de ter aulas na cooperativa com o Pedro e com a Mônica foi muito legal pois com eles nós aprendedemos a fazer o gmail aprendemos a tirar

imagens do internet e salvar no computador e muitas outras coisas mas o principal pra mim foi o blog pois com ele eu pude fazer diversas coisas que eu nunca imaginei que dava para fazer e também como eu já tinha dito as outras aulas são legais mas as aulas da monica e do pedro eram mais pois com eles nós trabalhavamos muito com a música, com vários sites , e principalmente com o orkut concluindo , achei que as aulas da mônica e do pedro eram mais interessantes por que ela tinha mais argumentos que pudessem atrair o público jovem as outras aulas também estão de parabéns, mas para para a aula da mônica edo pedro eu tirei o chapéu pois pois essas aulas foram estoradas(muito show) eu acho que nós iremos sentir saudadaes dessas aulas aliás eu já estou pois pelo menos pra mim isso significou muito e eu queria pedir uma coisa para você e para o pedro vê se não esqueçam de nós pois mesmo vocês não sendo mais nossos professores aqui da cooperativa vocês sempre terão pelo menos o meu respeito e a minha admiração.

Avaliação 2

Olha o que eu gostei de fazer o blog e também ensinar os professores a fazer o blog.

O que eu a prendi foi fazer blog entra em alguns saite de pesquisa .

O que eu gostei foi ser ensinado por professores que já tem conhecimento da coisa e muito obrigado por ensinar

Avaliação 3

Nas oficinas da Mônica e do Pedro nós aprendemos muitas coisas como fazer um blog e como ele funciona ...aprendemos também a postar vídeos, músicas, textos diversas coisas legais...Eles ensinaram também a usar as ferramentas do google como o google maps,a pesquisar blogs de outras pessoas. Bom eu aprendi bem o que eles ensinaram. Eu agradeço a vocês Mônica e Pedro por tudo que ensinaram a nós da cooperativa.

Avaliação 4

Eu gostei muito das aulas da sora Mônica quando ti amos alguns trabalhos com ela, ela sabia explica bem e com as explicações dela da vá para nós aprender melhor. Eu aprendi a fazer blog e com os trabalhos dela eu aprendi a dar valor as coisas que

não são comentadas.....no blog posso posta poesias que gosto muito podemos colocar musicas e graça a ela conseguimos o direito de mexer no orkut.....
valeu pelas aulas dadas no curso.....

Avaliação 5

Na minha avaliação do curso de informatica eu aprendi muito com vcs que no caso e a Mônica e o Pedro vcs me ensinaram a fazer blogs e até então eu ensinei o professor Marcos a fazer um blog. Eu lhe peço desculpas por não te vindo na sua despedida mas tu sabe muito bem pq eu não tava vindo mas isso nao vem ao caso. Mas eu espero que vcs voltem logo beijos

Avaliação 6

Eu goste de tudo por que foi muito legal por que aprendemos o suficiente para podermos passar para outras pessoas bjs de todos da cooperativa voltemlogo tu e o pedro

continuando.....

antes de entra na cooperativa nunca soube o que era um blog agora eu sei tudo sobre o blog.

pra mim foi muito importante fazer o curso e gostaria de aprender como fazer um msn

vc sabe não sou muito de falar tchau

5.3 Análise dos dados

Durante a coleta de dados percebeu-se que houve uma ampliação da capacidade de comunicação dos integrantes da Cooperativa de Comunicação Comunitária que começou pelo estabelecimento do diálogo, no qual as propostas de trabalho partiram dos dois lados: pesquisadora e pesquisados. A pesquisadora, ao praticar a observação participante, conseguiu se apropriar da linguagem do grupo e estabelecer a relação de simpatia, premissa do que Freire (1974, p. 108) chamou de “Pedagogia da Comunicação”.

Os pesquisados pautaram as oficinas com suas preferências, com seu ritmo, numa relação de compartilhamento de poder, uma das prerrogativas do empoderamento que, segundo Romano e Antunes (2002, p. 5) “deve gerar

processos de mudança no nível individual e coletivo, tanto em termos de controle de recursos, como em termos de uma maior autonomia e autoridade sobre as decisões que têm influência na própria vida”.

A hierarquia que facilmente se impõem no contexto escolar, e tem sua representação máxima na figura do professor, foi sendo quebrada ao longo do tempo. Pouco depois de um mês de trabalho alguns alunos chamavam a residente por seu nome, ao invés de professora e, anunciavam que iam ao banheiro, ao invés de pedirem permissão. É certo que alguns não superaram a dificuldade de dialogar em grupo, de assumir verbalmente suas posições, limitando-se a levantar as mãos para votar quando algo estava em pleito. A relação direta com a pesquisadora, no entanto, sempre foi dialógica.

A criação dos *blogs* permitiu a reflexão sobre o tratamento que a mídia dá a Vila Bom Jesus, e revelou estigmas sentidos por alguns alunos: a associação com a criminalidade e a desvalorização do local. Por outro lado, possibilitou a produção e a publicação de notícias e opiniões de quem se viu discriminado pelos meios de comunicação de massa. No “Blog da Bonja”, criado pelos integrantes da cooperativa, a autora do artigo “Casos Isabella, Pablo e Andrius” traz as vozes de indignação de uma população que, geralmente, figura no jornal como culpado, mesmo quando é vítima de um desequilibrado e perverso sistema social.

Ao comparar duas notícias de um mesmo jornal, ambas sobre crianças mortas sob condições suspeitas, a aluna percebeu diferenças na cor das imagens que ilustravam as matérias: a dos dois meninos, moradores da Vila Bom Jesus, em preto-e-branco e a de Isabella Nardoni, moradora de um bairro de classe média em São Paulo, em cores. Ou seja, não só o discurso verbal, mas também o discurso da imagem foi observado e criticado. Segundo Peruzzo (2005) esta ação protagonista e reflexiva é resultado do envolvimento do indivíduo nos processos de produção, planejamento e gestão da comunicação.

O acesso a *sites* distribuidores de música e de vídeo permitiu um consumo cultural, antes possível apenas pelos meios de comunicação de massa. A possibilidade de compilação destes dados em uma página personalizada, assinada pelo usuário, além de o auxiliarem na afirmação de sua identidade, também gerou auto-estima. Nas palavras dos próprios alunos, eles puderam publicar “coisas que eles não sabiam que tinham valor”.

Na avaliação do público, participar do *site* de relacionamentos *Orkut* foi um dos itens de maior relevância do projeto. Talvez isto se deva a inclusão dos jovens na cibercultura, este novo tipo de sociabilidade da qual se encontravam alijados.

Um dos maiores limites enfrentados pela pesquisadora em campo foi o nível de alfabetismo dos alunos. Embora a habilidade para escrever tenha sido abordada por meio de técnicas de redação em jornalismo - primeiro por meio de um exercício de redação de uma notícia, no qual se trabalhou a construção do *lead* (primeiro parágrafo da notícia), depois pela redação de notícias, cujas pautas foram levantadas pelos próprios alunos - o impacto destas ações foi incipiente. Ainda assim, alguns participantes demonstraram um avanço em relação à interpretação de texto, ao quererem mudar o título de seus *blogs*, por entenderem que havia inadequação entre título e conteúdo.

Conforme afirmado no início deste trabalho, esta dificuldade de comunicação é uma das conseqüências da desigualdade social no Brasil. Como problema, que criará uma série de limites, inclusive a introdução do jovem de baixa renda ao mercado de trabalho, deve ser encarado prioritariamente pela cooperativa, sem a ilusão de resolução em curto prazo, mas com a convicção da necessidade deste investimento.

CONCLUSÃO

Como se pôde observar pela análise dos dados a capacitação na produção de *blogs* contribuiu para o empoderamento dos jovens, objetivo geral do projeto. O desenvolvimento de novas habilidades e conhecimentos, como estratégia para o fortalecimento das capacidades internas do grupo, foi atestado diversas vezes e chegou ao seu ápice durante a realização da oficina de *blog* para os professores: além de terem realizado a atividade de forma autônoma, os alunos tiveram sua autoestima e sua autoconfiança elevadas a partir do evento.

Quando o professor assume a posição de aluno não é uma simples inversão de papéis que ocorre. É a comunhão de homens, conforme a teoria da ação dialógica, para a qual “os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em co-laboração”. (FREIRE, 1987, p. 165).

Após o término do projeto, a coordenadora do CE comunicou que na falta de um professor, um aluno tomou a iniciativa de fazer o levantamento de equipamentos da sala de informática (rotina estabelecida depois do sumiço de alguns *mouses*), no que pode constatar-se um princípio de autonomia, de apropriação do espaço e do próprio projeto e a formação de capital social.

A pergunta que esta pesquisa procurou responder: o uso das novas tecnologias de comunicação e informação pode contribuir para o empoderamento dos jovens, foi clarificada durante o relato da realização das oficinas.

A introdução à informática por meio de uma ferramenta que favorece a autoria estimulou a comunicação do público, sua participação no ciberespaço, a possibilidade de consumo cultural, a obtenção de novas habilidades e conhecimentos e a elevação da auto-estima.

Na prática de uma relação dialógica estabelecida entre a residente e os alunos, buscou-se não só a capacitação em uma nova tecnologia de informação e comunicação, mas a formação de criticidade pelo público, primeiro passo para o empoderamento.

É importante destacar que, se o impacto sobre a dimensão sociocultural do empoderamento foi positivo, não significa que a dimensão econômica possa ser excluída do processo. Partindo-se do pressuposto que esta será alterada a partir da entrada do jovem no mercado de trabalho, há que se pensar em ações que potencializem esta possibilidade.

A residência solidária apontou, no mínimo, duas questões que necessitam ser alteradas: o tempo de uso do computador e a integração de oficinas língua portuguesa ao programa CE.

Uma alternativa, já sugerida aos alunos, para resolver a primeira questão seria estabelecer horários diários de uso e eleger, dentro do próprio grupo, responsáveis pela manutenção do espaço. Desta maneira, além de aumentar o tempo de acesso aos computadores pelo público, investe-se no protagonismo.

Quanto às oficinas de língua portuguesa, elas são necessárias para elevar o nível de alfabetismo dos alunos, no sentido freiriano, de “entender o que se lê e escrever o que se entende” (FREIRE, 1974, p. 111). Neste ponto, um cuidado importante a ser tomado é relativo ao conteúdo da formação.

A assiduidade do público às atividades do projeto Empoderamento na Rede, de acordo com o depoimento dos alunos, foi devida à relevância dos temas

abordados e dos recursos usados, com destaque para os audiovisuais. Uma capacitação que envolva produções estéticas como o *webdesign*, a fotografia, a arte digital e o vídeo, pode ser uma boa alternativa de trabalho. Thiollent ressalta:

A dimensão estética está associada quer à arte de comunicar, quer a arte de pesquisar, o que quer dizer que se trata de uma produção de um determinado retrato do mundo que é também reflexo de uma intenção estética do seu produtor. Nesta perspectiva a área comunicativa está aberta a tipos de intervenção situados a meio caminho da arte ou até mesmo a tipos que pertencem a uma de suas formas, tal como, por exemplo, a forma audiovisual, com suas técnicas próprias. (THIOLLENT, 1998, p. 77)

Este “retrato do mundo” deve suscitar a busca por um mundo mais justo, que só poderá ocorrer a partir da reflexão sobre as relações sociais e da ação em prol da emergência de um sistema social mais equilibrado.

Por último cabem algumas ponderações sobre o programa Cidade Escola das EMEF Nossa Senhora de Fátima, em geral:

- **sustentabilidade e legitimidade:** entre as ações mais urgentes para o programa estão a diversificação de financiadores e uma maior interação com a comunidade. Tendo a SMED como única fonte de recursos, o projeto corre o risco de ser embargado com a mudança de governo. A Cooperativa de Comunicação Comunitária pode atuar de maneira significativa, tanto para atrair parceiros, quanto para promover a articulação interinstitucional no local, por meio de um planejamento participativo que contemple instituições e moradores e gere produtos representativos para os atores locais. Segundo DIAZ BORDENAVE (1987) um dos maiores potenciais da comunicação comunitária, é justamente a mobilização e a organização do poder coletivo para a resolução de seus problemas.

- **comunicação interna e externa:** embora este item se refira a sustentabilidade, dá-se aqui um destaque especial pelo fato do CE não possuir ainda material de comunicação a respeito de suas ações. Isto fere a credibilidade do projeto, que tem na comunicação uma de suas matérias primas. A comunicação interna, entre os membros do projeto, também pode melhorar com a integração de ações dos núcleos. Pode-se criar uma assessoria de imprensa, responsável pela divulgação das atividades dos núcleos, dentro da própria cooperativa.

Finalmente, gostaria de observar que, se o projeto foi relevante para seu público, tanto mais para a pesquisadora. Se o campo da gestão social é uma arena de conflitos, é também um manancial de aprendizagens. É um fazer de sonhos contínuo, é espaço de convivência e de solidariedade, de fazer laços, de dar mãos, de tecer, dia-a-dia a esperança no ser humano.

REFERÊNCIAS

AYRES, J.; FRANÇA, I.; PAIVA, V. **Crianças e jovens vivendo com HIV/AIDS: estigma e discriminação.** Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=13&id=106>> Acesso em: 12 jun. 2008.

BRONZO, C. **Políticas locais de inclusão social, autonomia e empoderamento: reflexões exploratórias.** In: ANPAD, 30, 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPAD, 2006.

BROSE, M. **Metodologia Participativa: uma introdução a 29 instrumentos.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

CONGRESSO NACIONAL. **Estatuto da Juventude.** Disponível em: <<http://www.jap.org.br/oktiva.net/1823/nota/80593>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

DIAZ BORDENAVE, J. **Além dos meios e mensagens: introdução a comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência.** Petrópolis: Vozes, 1987.

EDUCAREDE. **Caderno de Orientações Didáticas: ler e escrever: tecnologias na educação.** Disponível em: <<http://educarede.info/poie/#>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

FOSCHINI, Ana C.; TADDEI, R. **Blog.** Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/conquiste-a-rede-blog>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

FOSCHINI, Ana C.; TADDEI, R. **Jornalismo cidadão: você faz a notícia.** Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/conquiste-a-rede-blog>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.** Disponível em: <www2.portoalegre.rs.gov.br/smed/>. Acesso em: 12 jun. 2008.

GOMES, Ana L. Z. **Na boca do rádio: o radialista e as políticas públicas.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Oboré, 2007.

HENTSCHKE, L.; OLIVEIRA, A. **A educação musical no Brasil.** In HENTSCHKE, L. (Org.). Educação musical em países de línguas neolatinas. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. p. 47-64.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF**. Disponível em: <www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.00.00.00&ver=por>. Acesso em: 12 jun. 2008.

KLIKSBERG, B. **Falácias e mitos do desenvolvimento social**. Brasília:UNESCO; São Paulo: Cortez , 2003.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina. 2004.

MACAGNAN, D. F. **O desenvolvimento das trajetórias do comportamento delinqüente em adolescentes infratores**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO. **TICS Usuários e Domicílios 2007**. Disponível em: <<http://www.cetic.br/pesquisas/2007/index.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

PERUZZO, C.M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1999.

PRIMO, Alex F. T.; TRÄSEL, M. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 37-56, 2006.

QUINTANILHA, L. Publicar (na rede) ajuda a ensinar e a aprender. **A Rede**, Brasília, v. 2, n. 17, p. 38-41, ago. 2006.

ROCHA, C. **“Globalistas” buscam sons periféricos**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u358180.shtml> > Acesso em: 06 jun. 2008.

ROMANO, J. **Enfrentemos primeiro a questão do poder para combater juntos a pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid. 2002.

ROMANO, J.; ANTUNES, M. (Orgs.). **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid. Brasil, 2002.

SEN, Amartya K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SERVA, M.; JAIME JR, P. Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 64-79, mai./jun. 1995.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1998.

ZERO HORA. **Jovem é morto na Bom Jesus**. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default2.jsp?uf=1&local=1&source=a1723947.xml&template=3898.dwt&edition=9054§ion=69>> Acesso em: 12 jun. 2008.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos alunos da Cooperativa de Comunicação Comunitária da Vila Bom Jesus, pelo afeto mútuo e pela aprendizagem compartilhada.

AGRADECIMENTOS

À Neusa Cavedon, pela preciosa orientação;

À Rosinha Carrion, pelo apoio no curso e na vida;

Às equipes do Cidade Escola e da EMEF Nossa Senhora de Fátima, especialmente a Neusa Dariva e Marcos Mello pelo apoio irrestrito a realização desta pesquisa;

Ao meu parceiro de residência, Pedro Floriani, pelo valioso convívio;

Ao Felipe Costa Chaves, meu guia na "Bonja";

Ao Luciano Flores e ao Evandro Manara, pelas orientações em produção musical;

Às minhas amigas Cíntia e Josiane, pelos inúmeros socorros prestados;

Aos meus amores, pela vida que juntos traduzimos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 Contexto.....	3
1.1 A Vila Bom Jesus.....	3
1.2 O Cidade Escola.....	4
1.3 O Cidade Escola da EMEF Nossa Senhora de Fátima.....	4
1.4 Contexto em imagens.....	6
1.4.1 As ruas.....	6
1.4.2 Os becos.....	8
1.4.3 As casas.....	10
1.4.4 As praças.....	12
1.4.5 A EMEF Nossa Senhora de Fátima.....	14
1.4.6 Os laboratórios.....	16
2 A proposta do trabalho de intervenção.....	17
2.1 Justificativa.....	17
2.2 Objetivos.....	19
2.3 Metodologia.....	19
3 Revisão Bibliográfica.....	21
3.1. Empoderamento.....	21
3.1.1 Estratégias de Empoderamento.....	23
3.1.2 O desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades.....	24
3.1.3 Elevação da auto-estima e afirmação de valores.....	25
3.2 As novas tecnologias de comunicação e informação (TIC).....	26
4 A residência.....	28
4.1 A produção musical em base digital.....	28
4.2 O blog	30

4.3 Diagnóstico Inicial da situação.....	31
4.4 Público.....	32
4.5. Resultados esperados.....	32
4.6 Recursos.....	33
4.6.1 Físicos e materiais.....	33
4.6.2 Humanos.....	33
4.6.3 Financeiros.....	33
4.7 Cronograma.....	34
4.8 O campo.....	35
4.8.1 A interação com a comunidade.....	35
4.8.2 Início das Oficinas da Cooperativa de Comunicação Comunitária.....	36
4.8.3 Definição da agenda de oficinas de blog e produção musical.....	37
4.8.4 Início das oficinas de Blog.....	38
5. Avaliação da residência.....	71
5.1 Aproximação do quadro de metas.....	71
5.2 Avaliação da residência pelos alunos.....	73
5.3 Análise dos dados.....	75
CONCLUSÃO.....	77
REFERÊNCIAS.....	81